



Março - Abril de 2003

Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



TRINDADE

Uma Revelação Gradual



Divulgação

Teólogos e profetas

WILLMORE EVA

Editor de Ministry

Otro dia fui confrontado com um pensamento provocativo que implicava uma intrigante questão: Em tempos recentes, porventura não tem havido uma lenta mas perceptível mudança na ênfase e perspectiva cristãs, onde os cristãos, especialmente em culturas ocidentais, têm deixado de confiar na palavra e mensagem do profeta para depender da interpretação e compreensão dos teólogos?

Durante e desde os tempos bíblicos, os teólogos têm tido suas contrapartidas, mas a tarefa e a influência da teologia e dos teólogos, como nós as conhecemos hoje, é algo relativamente novo, pertencente à Igreja cristã.

Seguindo essa linha de pensamento, acabei encontrando algumas implicações para a minha fé pessoal, a Igreja, meu chamado e identidade como um ministro de Cristo. Uma dessas implicações é que o profeta recebe primariamente o conteúdo e autoridade para sua mensagem mais ou menos diretamente de Deus, enquanto o teólogo toma essa mensagem, e, através de um processo objetivo de estudo racional e diálogo, interpreta e a processa para que faça sentido para si mesmo e sua audiência.

Tenho um profundo e genuíno respeito pela tarefa e pelo papel do teólogo, mas se a definição ou comparação entre o profeta e o teólogo, apontada acima, for acurada, ela suscita algumas penetrantes questões.

Por exemplo, tem a maneira como nós fazemos teologia na igreja nos levado a negligenciar, desvalorizar, minimizar ou colocar sob suspeita a transcendente voz profética residente na mensagem de Cristo? Temos nós chegado ao lugar onde a voz teológica tem abafado mais a voz profética e onde nossos ouvidos são predispostos para ouvir a interpretação teológica e notar a validade do processo teológico, enquanto relutamos em ouvir a voz profética?

Permita-me tentar fazer essa crucial linha de pensamento um pouco mais clara. Qualquer pessoa que tenha abraçado a fé bíblica sabe que as mensagens que configuram o conteúdo bíblico contêm mais que as meras palavras que são empregadas para substituir aquelas mensagens. A maioria de nós alegremente confessa que a captação da mensagem bíblica deve transmitir mais que simplesmente uma compreensão mental a seu respeito. Nós aceitamos o fato de que

a Bíblia é mais que um punhado de instruções que podem simplesmente ser abraçadas pela mente humana, aprendidas, e então colocadas em prática.

Quando nós ouvimos um grande poema, podemos ouvir e palpavelmente sentir que as palavras estão cheias de uma evocação quase mágica de significados que transcendem o mero arranjo daquelas palavras em uma ordem particularmente inteligente. As mesmas palavras não podem ser usadas de uma forma meramente racional e mundana, e ainda possuir a capacidade para nos tocar da maneira que o fazem através da alma e da pena do poeta. A palavra certa não apenas nos tocará racionalmente; também tocará nosso coração e nos alcançará em regiões do nosso ser consciente e inconsciente, que a mesma linha de pensamento não poderia fazer, se for expresso na linguagem de todo dia.

Quando nos deparamos com expressões proféticas da verdade transcendente, verificamos que há uma dimensão ulterior presente, e nada mais é do que a presença do Espírito Santo. É aqui que, na verdade, nasce o nosso uso da palavra inspiração, em seu sentido particularmente bíblico.

Quando meramente fazemos teologia enquanto exploramos o conteúdo da Bíblia, existe a distinta possibilidade de reduzirmos radicalmente o conteúdo transcendente da

mensagem bíblica a um estudo que exercita de modo excitante a mente, enquanto reduz ou remove nossa habilidade para ouvir além do intelecto, no profundo recesso do coração, onde as transformações que buscamos podem realmente ocorrer.

Exatamente reunir o transcendente e o racional no mundo de hoje é o desafio enfrentado por todo pastor. Permitir o profeta que há em nós falar ao teólogo e ao teólogo informar o profeta resultará um ministro realmente capacitado com o poder que tanto desejamos ver entre o pastorado adventista. Cumprir esse ideal significa conhecer e encontrar nosso Senhor em um nível que talvez ainda não tenhamos encontrado, e nos encher do Espírito Santo de maneira tal como os discípulos de Jesus experimentaram.

É um desafio? Sim. Mas olhando para nós mesmos, sabemos que essa é a necessidade pela qual clama o pastorado cristão nos dias atuais.

**O desafio do
pastor moderno
é ser profeta
e teólogo.**

Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista
do Sétimo Dia

Ano 74 – Número 02 – Mar./Abr. 2003
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Revisoras: Ildete Silva e Rosemara Santos
Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Programador Visual: Alexandre Gassul Streicher

Colaboradores Especiais:
James Cress; Alejandro Bullón;
Jonas Arrais; Willmore Eva; Júlia Norcott

Colaboradores:
Arlindo Guedes; Barito Lazo;
Fidel Guevara; Jair Garcia Góis;
José Carlos Sánchez; José S. Ferreira;
Mário Valente; Moisés Rivero;
Rafael L. Monteiro; Roberto Pinto

Capa: Heber Pintos

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:
<http://www.cpb.com.br>
Serviço de Atendimento ao Cliente:
sac@cpb.com.br
Redação: zinaldo@cpb.com.br
Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio

Tiragem: 4.500 exemplares
5880/10612

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600; CEP 70279-970,
Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
CERTIFICADA PELA ISO 9002

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,
18270-970 Tatuí, SP

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

EDITORIAL



Incompreensível mas conhecível

Em seu livro *Understanding the Trinity (Compreendendo a Trindade)*, Max Hatton escreve: “Deus está muito além da nossa compreensão. Não devemos cair na armadilha de pensar que podemos definir absolutamente o indefinível ou compreender plenamente o incompreensível. Deus é um Ser que de toda maneira é infinito. Apenas o Infinito pode compreender o infinito. Quando tentamos entender algumas coisas a respeito de Deus, acabamos colidindo com o teto da nossa mente. Está claro que se pudéssemos compreender plenamente a natureza de Deus, logo Ele deixaria de ser Deus. Deus é o único Ser para quem os mistérios não existem. Quão gratos nós deveríamos ser pela verdade expressa por Martinho Lutero: ‘Deus é incompreensível, mas não desconhecível.’”

Isso significa que podemos conhecê-Lo através de um relacionamento pessoal, e também podemos saber algo sobre a Sua natureza, através da revelação. Aquilo que ao Senhor aprouve nos revelar deveria ser aceito e acariciado em nosso coração, como tema de nossa diligente pesquisa e meditação constante. Nessa moldura cabe perfeitamente o tema da trindade de Deus, a respeito do qual a Igreja Adventista do Sétimo Dia, em suas *Crenças Fundamentais*, declara: “Há um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, uma unidade de três Pessoas coeternas. Deus é imortal, onipotente, onisciente, acima de tudo e sempre presente. Ele é infinito e está além da compreensão humana, mas é conhecido por meio de Sua auto-revelação. Para sempre é digno de culto, adoração e serviço por parte de toda a criação.”

Esse é um assunto cuja análise tem ocupado o tempo de estudiosos da Bíblia através dos séculos. O núcleo da discussão é a maneira como Pai, o Filho e o Espírito Santo são todos entes distintos e estão relacionados entre Si. E nesse campo, o princípio exposto em Deuteronômio 29:29, segundo o qual “as coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus; porém as reveladas nos pertencem...”, também se constitui o limite entre a busca saudável da verdade e a especulação inócua. O Antigo e o Novo Testamentos apresentam evidências do Deus triúno. A elas devemos nos ater, sempre despertos para o fato de que em algum momento nos encontraremos diante de questões sobre as quais “o silêncio é ouro”.

Além de tudo, muito mais importante do que ter respostas teóricas a respeito do Pai, Filho e Espírito Santo, é experimentarmos em nossa vida a realidade presente de um Deus assombrosamente amoroso, cheio de graça e misericórdia, que nos criou, nos salvou e nos agracia com o privilégio de participar lado a lado com Ele da missão de restaurar no ser humano a Sua imagem.

Zinaldo A. Santos

ARTIGOS

- 10 • UMA PARCERIA SAUDÁVEL** • Como pastor, psicólogo e psiquiatra podem se ajudar mutuamente no atendimento às pessoas.
- 13 • PREGAÇÃO COM OBJETIVO** • Todo sermão deve ter um alvo definido para os ouvintes. E o pastor precisa saber os caminhos para chegar lá.
- 17 • TRINDADE: UMA REVELAÇÃO GRADUAL** • O conhecimento da verdade é progressivo. Assim acontece com a compreensão do conceito de um Deus triúno.
- 22 • O SACERDÓCIO DOS CRENTES** • A integração entre pastores e membros, para o exercício da missão, é uma doutrina bíblica de grande importância.
- 25 • RELEMBRANDO A PÁSCOA** • Lições da maior e mais concorrida liturgia em Israel.
- 27 • AS ARMADILHAS DO SUCESSO** • Conheça os riscos da corrida indiscriminada pelo êxito, segundo a visão de um psicólogo.
- 30 • PASTOREIE OS CORDEIRINHOS** • As crianças também são prioridade no trabalho pastoral.

SEÇÕES

- 2** SALA PASTORAL
- 3** EDITORIAL
- 4** CARTAS
- 5** ENTREVISTA
- 8** AFAM
- 9** PONTO DE VISTA
- 16** IDÉIAS
- 32** NOTÍCIAS
- 34** RECURSOS
- 35** DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



“Deus não está tão preocupado com o sucesso dos nossos empreendimentos, mas em purificar nossos atos.”

Archibald Hart

CARTAS

Atenção aos aspirantes

Sou leitor assíduo de Ministério desde que cursava o Seminário de Teologia. Tenho observado, com alegria, que de algum tempo para cá, a revista tem um caráter mais regional sem desprezar traduções de boas matérias da revista Ministry. Temos mais artigos escritos por pastores de nossas terras sul-americanas, que têm o privilégio de semear a semente do evangelho no coração do nosso povo. Atualmente estou começando meu trabalho pastoral, recém-saído que sou do Seminário. Por isso sugiro que publiquem também mais artigos direcionados aos aspirantes ao ministério.

Pastor Dannit Cifuentes, Talcahuano, Chile

Outra visão de Babilônia

Em sua carta, publicada na última edição desta revista no ano passado, comentando o artigo “Outra visão de Babilônia”, o Pastor Abraham J. van der Kamp relata seu diálogo com um amigo católico, no qual esse amigo diz “não entender como queremos construir amizades com outros ministros, enquanto esperamos que eles, no futuro, venham a ser nossos perseguidores.” E confessa que o assunto foi “embaraçoso” para ele. Se o Pastor van der Kamp está expressando sua dúvida pessoal quanto à postura profética da Igreja Adventista do Sétimo Dia, ou expressando sua dificuldade em explicá-la, não me pareceu muito claro. Sei, porém, que o cenário apresentado em O Grande Conflito não deixa margem para dúvidas. E Jesus mesmo disse: “mas vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus” (João 16:2).

Eu creio que essa hora virá e está próxima. E creio que acontecerá justamente como a Igreja tem apresentado. Precisamos buscar sabedoria espiritual, de modo que possamos advertir com amor verdadeiramente cristão a todas as pessoas, inclusive nossos amigos de outras denominações, sobre o que acontecerá ao mundo.

Douglas Carlson, Ludington, Michigan, Estados Unidos



Use a IMAGINAÇÃO

O pregador deve utilizar sua capacidade criativa para levar os ouvintes a Cristo

DEREK J. MORRIS e ZINALDO A. SANTOS

Alguém já disse que um sermão sem ilustrações é como uma casa sem janelas. Na verdade, a palavra ilustrar significa “avivar com luz”, isto é, iluminar, clarear. As ilustrações ajudam a compreensão e simplificação de verdades e conceitos mais profundos de um sermão. Por isso, Jesus utilizou parábolas, construindo-as a partir de assuntos, situações ou objetos comuns ao povo.

As ilustrações mais ricas estão constantemente diante de nós; convivemos com elas em nosso dia-a-dia. Daí o conselho de Roy Allan Anderson: “Não procureis encontrar ilustrações; deixai que elas vos encontrem, ao lerdes e observardes. Jesus achou Suas ilustrações nos lugares mais comuns. Muitas lendas tinha o Talmude; nenhuma delas tomou Ele emprestado. A Pérsia e o Egito estavam cheios de contos de fadas; nenhum deles importou. Em vez disso, falou de coisas comuns. Pescadores, agricultores, donas de casa, pastores, campos, frutas e grãos – todos esses Lhe proporcionavam os quadros.”

Um dos métodos que podem ser utilizados na criação de ilustrações é a imaginação do próprio pregador. Jesus o utilizou ao elaborar Suas parábolas, o que, por si só, autoriza os pregadores modernos a fazerem o mesmo. Naturalmente, isso deve ser feito com equilíbrio e sob a direção do Espírito Santo, a fim de que a mensagem bíblica não sofra alterações, nem se caia na armadilha da excentricidade, frivolidade ou do mero divertimento.

Nesta entrevista, concedida a Derek Morris, pastor da igreja de Calimesa, Califórnia, para a revista *Ministry*, o Dr. Thomas H. Troeger, professor de comunicação e pregação na Escola de Teologia de Denver, Colorado, fala sobre o uso da imaginação na pregação.

Ministério: *Em seu livro Imagining a Sermon (Imaginando um Sermão), o senhor estabelece que o processo imaginativo pode ser comparado à arte de pilotar um barco. Quão ajudadora é essa metáfora, quando pensamos no uso da imaginação na pregação?*

Dr. Thomas H. Troeger: Quando você pilota um barco, depara-se com duas diferentes realidades. Uma dessas realidades, ou seja, o vento, você não pode controlar. Você não pode dirigir o sopro do vento. Mas com a outra realidade, que envolve seus olhos e sua percepção, você pode observar a água e ver onde o vento está soprando. Então você pode administrar sua pilotagem de modo a tirar o máximo de vantagem do vento. Como um pregador, você pode tomar o controle da situação e pilotar de tal forma que demonstre estar preparado para ser dirigido pelo sopro do Espírito, mas não é sua prerrogativa dirigir ou manipular o Espírito. Para mim, o processo da imaginação é preparar o pregador e o auditório para serem dirigidos pelos ventos que o Espírito Santo envia.

Ministério: *O senhor sempre fala sobre três tipos de imaginação: convencional, empática e visionária. Poderia definir cada um desses tipos?*

Dr. Thomas: Quando falo de imaginação convencional, estou me referindo à imaginação que nós herdamos pelo ato de ouvir outros pregadores e por sermos parte da tradição particular de uma igreja. Existem certos hinos, como “Tudo é paz”, muito cantado na época do Natal, e “Cristo já ressuscitou”, geralmente cantado por ocasião da Páscoa, que são parte da maneira como imaginamos a fé cristã. Essas coisas preciosas nos foram dadas a fim de que nós possamos utilizá-las de tal modo que tornemos possível a adoração em uma comunidade religiosa unida. A imaginação empática é a habilidade que devemos ter, como pregadores, para nos imaginar calçando os sapatos de outros. Uma das grandes marcas dos pregadores efetivos é que eles têm a capacidade não apenas para conhecer e falar de sua própria experiência, mas também para perguntar: “Qual é a experiência do meu povo?” Se um pastor não tem imaginação empática, não está se capacitando para ligar-se à congregação. Por sua vez, a imaginação visionária envolve a capacidade para ver e para responder a novas coisas que Deus está fazendo no mundo. Gosto muito desta passagem do livro de Isaías: “Eis que faço coisa nova, que está saindo à luz; porventura não o percebeis?...” (Isa. 43:19). A imaginação visionária ajuda o pregador a ver que a igreja poderia ser muito melhor do que é. Há muitas possibilidades para testemunhar, as quais ainda nem começamos a tocar com a ponta dos dedos.

Ministério: O senhor sugere que um princípio primário para desenvolver a imaginação é alguém permanecer sempre atento. Talvez poderíamos considerar dois aspectos com os quais devemos estar atentos: primeiramente, com os nossos olhos; e, em segundo lugar, com nossos ouvidos. O senhor mesmo tem observado que olhos não treinados não são aptos para verem as coisas acuradamente. Como podemos treiná-los para isso?

Dr. Thomas: Margarete Miles sugere que deveríamos tomar um quadro que particularmente nos chama a atenção e meditar sobre ele. Quais são as suas cores? Quão belas e impressionantes são? Como é seu formato em relação a outros que temos visto? Como se apresentam a suavidade e pureza de seus traços? O que nos transmite se for visto na sombra? Qual a intensidade de sua iluminação? Esses são apenas alguns pontos, dentre outros, que nos permitem analisar um quadro. Recentemente encontrei um livro de poesias chamado *In Quiet Light: Poems on Vermeer's Women* (*Em Silenciosa Luz: Poemas Sobre as Mulheres de Vermeer*), escrito por Marilyn Chandler McEntyre. A autora toma uma coleção de quadros de mulheres, pintados pelo artista Jan Vermeer, e então procura imaginar o que essas mulheres estavam pensando. Ela chama suas imaginações de "detalhes dos quadros". Poderia ser uma excelente idéia para o pregador tomar um dos seus poemas cada dia, olhar o quadro e então ver como o autor imagina ao olhar o quadro com extremo cuidado. Essa poderia ser uma forma de treinar nossos olhos para ver acuradamente as coisas. Realmente é um trabalho autoconsciente. De outro modo, enxergamos mas não vemos.

Ministério: O senhor sugere que quando nós aprendemos a permanecer atentos, necessitamos fazê-lo também através dos nossos ouvidos. Necessitamos ouvir a música do discurso. Em seu livro *Imagining a Sermon* (*Imaginando um Sermão*), o senhor enfatiza que "necessitamos disciplinar o ouvido tão bem de modo que possamos nos tornar despertos para o efeito auricular do discurso. Um pregador cujo ouvido está alerta ao som da linguagem falada pode produzir um manuscrito que 'prega bem', que respira e pulsa com o ritmo do melhor discurso conversacional". Aparentemente, o senhor está dizendo que pregadores efetivos necessitam estar atentos à música do discurso, bem como ao seu conteúdo. É isso?

Dr. Thomas: Definitivamente. As propriedades físicas da oratória, isto é, seu

ritmo, tonalidade, inflexão e volume são um tipo de música que faz a imaginação evoluir, para não dizer dançar. O que frequentemente acontece com os pregadores é o seguinte: o nível de ansiedade relacionada com a apresentação da mensagem se torna tão grande que a música que normalmente deveria ser notada em sua voz é perdida. Em lugar de aprender como adicionar música ao nosso discurso, necessitamos desaprender como não fazê-lo. A musicalidade surge naturalmente. Se você começa a experimentar um afogamento e grita por socorro, ninguém deveria lhe ter dado lições de como falar para pedir socorro. Isso é algo muito natural. Se você está apaixonado por alguém e diz a essa pessoa tão especial: "eu te amo", não faz isso porque alguém lhe tenha ensinado como fazer tal declaração. E se seu pensamento é genuíno nesse caso, a confissão de amor será expressa

As parábolas convidam os ouvintes a se deixarem envolver pela verdade divina.

com uma tonalidade musical muito particular. Podemos fazer isso nas experiências regulares do dia-a-dia, de modo que ao pregarmos um sermão, estejamos tocados por essa realidade viva. Então a música de nossa oratória tornará nossos sermões mais genuínos e atraentes.

Ministério: O senhor aconselha os pregadores a usarem a imaginação e a assumirem que existe sempre mais a ser contado numa história bíblica. Poderia falar mais sobre isso?

Dr. Thomas: Eu partilho esse conceito no contexto do *midrash* (palavra hebraica que significa "buscar", "investigar", da qual é derivada a idéia de estudo, exposição homilética), uma forma de pregação segundo a qual o pregador expande a história bíblica. O *midrash* foi desenvolvido particularmente no tempo de Jesus Cristo e ganhou curso posteriormente.

Havia certas regras sugeridas pelos rabis para essa prática. Você poderia acrescentar detalhes, poderia dar asas à imaginação, dentro do pressuposto de não violar a integridade básica do relato bíblico. Em outras palavras, sua elaboração da história deve honrar o espírito e a verdade do relato bíblico. Assim, por exemplo, no livro *Ten Strategies for Preaching in a Multi Media Culture* (*Dez Estratégias Para Pregador em uma Cultura Multimídia*), eu apresento um sermão sobre as bodas de Caná da Galiléia. Nesse sermão, eu imagino o casal de noivos, já marido e mulher, na época em que eles se aproximam do final da vida. O sermão é uma série de pontos retrospectivos, todos relacionados ao casamento em Caná. Eu não acho que tenha violado de qualquer maneira o que está registrado na Bíblia sobre o assunto. O que tenho feito é tentar focalizar o que o significado dessa história poderia ter representado para o casal durante o restante de sua vida.

Ministério: O senhor também tem se ocupado de criar parábolas modernas. Estou pensando particularmente em seu livro *The Parable of Ten Preachers* (*A Parábola de Dez Pregadores*) e, mais recentemente, na segunda estratégia de seu *Dez Estratégias Para Pregador em uma Cultura Multimídia*. Por que o senhor acha que parábolas modernas representam um meio efetivo de comunicar as verdades da Palavra de Deus?

Dr. Thomas: Pela mesma razão pela qual as parábolas foram efetivas quando usadas por Jesus. Ele é minha inspiração maior quando se trata de aplicar parábolas à vida. Suas histórias revelam Alguém que estava sempre atento, que observava intimamente as experiências comuns do dia-a-dia das pessoas. As parábolas convidam os ouvintes a se deixarem envolver pela verdade divina. Nós usamos a imaginação para tirar parábolas da vida, das experiências humanas comuns, diárias. Quando você conta uma parábola como a história do filho pródigo, as pessoas começam a se projetar dentro dessa história. Ela atrai sua própria dinâmica familiar, seu senso de indignidade. Uma vez que você tenha captado as pessoas com esse recurso, então Deus pode realmente trabalhar com elas. Os pregadores necessitam confiar que Deus trabalhará no coração do povo, quando eles se valerem do recurso das parábolas, especialmente se fizerem isso no contexto de genuína adoração e fé. Gosto de parábolas por essa razão.

Ministério: Segundo uma observação sua, também é surpreendente como a maioria das parábolas de Jesus tem característica secular, havendo quase nada explicitamente religioso nelas. Suponho então que alguns ouvintes poderiam ouvir um pregador contar uma moderna parábola e minimizá-la como não sendo um sermão verdadeiro, por aparentemente ter pouco da verdadeira palavra ou do texto bíblico. O que o senhor pensa sobre isso?

Dr. Thomas: Acho que isso pode ocorrer. Entretanto, se você olhar as parábolas que eu tenho escrito, deliberadamente planejo cada uma delas de maneira que as pessoas sejam captadas em termos da sua dimensão teológica. E quando nós a apresentamos no culto, o contexto freqüentemente ajuda as pessoas a ouvirem a mensagem teológica nelas contida.

Ministério: O senhor mesmo já disse que a imaginação nem sempre é um hóspede bem-vindo na família da fé. Como o senhor responderia aos críticos segundo os quais o uso da imaginação é impróprio na pregação?

Dr. Thomas: Em primeiro lugar, precisamos compreender que a imaginação pode ser abusada. Não há dúvidas a respeito disso. Por exemplo, já existiram pessoas que usaram a razão muito cuidadosamente para justificar a escravidão. Mas o próprio fato de que temos imaginações, e sabemos que as possuímos, significa que Deus nos criou com a capacidade de imaginar. A questão, que é a mesma envolvendo todos os outros dons que Deus nos outorgou, é esta: como nós vamos usar a imaginação? Não existe ninguém com imaginação mais ativa do que Deus. Observe o que Ele imaginou: milhões de galáxias, cada uma delas contendo bilhões de estrelas. E Deus imaginou que poderia haver criaturas como você e eu. Eu acho que nos tornamos mais semelhantes a Deus quando usamos nossa imaginação para propósitos criativos e saudáveis.

Ministério: O senhor concorda com a afirmação de Henry Ward Beecher, no sentido de que a imaginação é o pré-requisito mais importante para a pregação efetiva?

Dr. Thomas: Sim. Beecher, em seu famoso livro *Yale Lectures on Preaching* (*Conferências Sobre Pregação em Yale*), notou que muitas pessoas têm uma compreensão errônea sobre imaginação e têm defendido a supressão delas. Entretanto, ele também sugere que tais pes-

soas não compreendem o glorioso papel da imaginação. Muitos pregadores protestantes têm sido influenciados por Calvino que uma vez referiu-se à imaginação como “uma perpétua fábrica de idolatria”. A imaginação pode também ser uma fábrica de beleza, graça e fé viva.

Ministério: Eu ouvi e apreciei um comentário seu, certa vez, no sentido de que quando pregamos um sermão, não devemos enganar a congregação como que dando-lhe uma lembrancinha de uma viagem que fizemos sobre um rio, quando podemos tomá-la conosco e conduzi-la na mesma viagem, para que ela sinta o fluxo das águas e o seu frescor, por si mesma. Parece que algumas vezes, quando um pregador está preparando seu sermão, ele estuda a

Eu acho que nós nos tornamos mais semelhantes a Deus quando usamos a imaginação para propósitos criativos e saudáveis.

passagem, entra nela, mas sai desse processo imaginativo durante a apresentação da mensagem. O senhor então disse que seu objetivo é realmente conduzir seus ouvintes consigo no processo imaginativo.

Dr. Thomas: Exatamente. Muito freqüentemente, ficamos excitados em nosso estudo e então, quando chega o momento de apresentar o sermão, apenas damos ao povo uma pequena amostra da experiência completa. Seria muito melhor levar os ouvintes conosco ao longo da jornada. Por exemplo, muitos pregadores começam estudar uma passagem e por alguma razão, um detalhezinho qualquer, não a compreendem bem. E dizem: “Como pode a Bíblia dizer tal coisa?” No entanto, essa situação é em si mesma um maravilhoso lugar

para começar. Quando você determina esse processo de descoberta em seu sermão, você está modelando a maneira como sua congregação deve usar as Escrituras. Não é simplesmente lê-las e compreender tudo à primeira vista. Algumas vezes é preciso investigar exaustivamente, lutar para encontrar o significado de um texto. Dar forma a um sermão é uma arte altamente disciplinada. Quando eu crio um sermão, me empenho num processo extremamente seletivo na busca de material. Há casos em que tenho de descartar quase 90% do material coletado. Incluo isso? Deixo aquilo fora? Guardo isso para outro sermão? São perguntas feitas e que envolvem às vezes decisões difíceis de serem tomadas. Essa é uma parte da pilotagem do barco que requer muita habilidade.

Ministério: O senhor sempre encoraja os pregadores a usar sua imaginação e experimentar abordagens novas, criativas na pregação. Ao mesmo tempo aconselha a que tenham cuidado para que “novas estratégias de apresentar a palavra de Deus não venham resultar em pregação manipuladora, por reduzir a proclamação ao que é atrativo e divertido”. Como o pregador pode evitar essa armadilha enquanto usa a imaginação para algo novo e criativo?

Dr. Thomas: Essa é uma questão profunda. Permitir que as pessoas façam suas escolhas é muito importante. Se você toma certas afirmações questionáveis e as proclama fortemente, pode intimidar o povo. Pregação não é feita para intimidar ou manipular. Um exemplo que posso citar é a história do jovem rico. Jesus Se entristeceu de que aquele moço não tivesse respondido positivamente ao Seu convite, mas não insistiu, dizendo: “Você tem de fazer isto ou aquilo”. Agora deixe-me dizer uma palavra sobre a questão do entretenimento. Eu não penso a meu respeito como tentando divertir o povo. Também não pretendo ser possuidor de todos os dons que Deus tem outorgado. Tudo o que eu quero é levar as pessoas a se deixarem capturar pela maravilha que é Deus, através da pregação. É nisso que eu estou realmente interessado. Eu gostaria de ser um instrumento do Espírito Santo, através do qual as pessoas possam sentir o próprio Espírito e o Cristo ressuscitado, e serem levadas à presença do Deus vivo. O pregador deve desaparecer para que Deus tome o seu lugar no coração das pessoas. 

Viajor da ESPERANÇA



LILIANA BORGIANINO DE PINTO

Coordenadora da Área Feminina
da Associação Ministerial, Afam,
na União Austral

Em cada uma das diferentes situações que enfrentamos, deveríamos atuar pela fé, reconhecendo as grandes bênçãos que o Senhor nos outorga

“Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei” (Gên. 12:1). Ao receber essa ordem, Abraão entendeu claramente que era a voz de Deus. O paganismo, a idolatria e os deuses falsificados não puderam confundir o chamado divino.

Toda viagem começa com esperança, e a vida de Abraão é uma viagem repleta de esperança. Não restam dúvidas de que sair da sua terra e de sua parentela certamente significou mais do que podemos hoje imaginar e que, mesmo sem saber para onde ia, o patriarca conhecia muito bem Aquele que o chamara.

Aquele fato representou um marco na vida de Abraão. Na verdade, o encontro com Deus sempre modifica situações: 1) Produz uma ruptura entre nós e nossos interesses antigos; 2) tira-nos da aparente estabilidade e comodidade; 3) confronta-nos com experiências novas e desconhecidas; e 4) faz-nos deixar de lado nossas obras próprias e seguras.

Essas quatro situações aconteceram na vida de Abraão e estiveram presentes ao longo de sua peregrinação rumo à terra prometida. O Senhor não lhe deu informações a respeito de para onde o levava, mas revelou-lhe os Seus planos. Ainda que outros não compreendessem, Abraão podia distinguir a voz de Deus. Viu pela fé o Redentor da humanidade, viu a Jesus com o olhos da fé. A verdadeira esperança tem sua origem na fé.

“De ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção” (Gên. 12:2).

Com o transcorrer do tempo, a influência de Abraão seria uma bênção para todas as nações. Essa bênção está intimamente relacionada com a promessa mencionada em Gên. 12:3: “em ti serão benditas todas as famílias da Terra”. Tratava-se de uma promessa que se tornaria realidade na pessoa do Redentor. É aqui onde Abraão deveria exercer fé, confiança, esperança. Devia contemplar o Salvador vindouro. Essa esperança deveria dominar sua vida e seus sonhos, mesmo nos momentos das mais duras provas.

Peregrinas de hoje

Como esposas de pastores, também devemos ser viajoras da esperança. Muitas vezes, tal como aconteceu com Abraão, saímos sem saber aonde vamos. Novos campos de trabalho, novas cidades, novas responsabilidades, novas escolas para os filhos e novos vizinhos sempre nos aguardam em nosso jornada ministerial. Em cada uma das diferentes situações que enfrentamos, deveríamos atuar pela fé, reconhecendo as grandes bênçãos que o Senhor nos outorga; não apenas para sermos felizes, mas para partilhar essa felicidade com todas as pessoas com as quais nos relacionamos.

A esperança que encheu o coração de Abraão deve ser a mesma que nos leva a desejar o breve retorno de Jesus, o Redentor do mundo, e a proclamar essa boa-nova com toda a força do nosso ser.

Lembre-mos também de que o Deus de Abraão é o nosso Deus. É o mesmo que nos conduz pelas situações difíceis que temos de enfrentar. Confie-mos nAquele que dirige nossa peregrinação rumo à Canaã celestial.

Eles jamais ESQUECERÃO



William de Moraes

RUBÉN BULLÓN

Diretor de Ministério Pessoal e Escola Sabatina da Missão Sul do Pará, Brasil

Era sábado à noite e eu teria de fazer uma palestra no distrito de um colega. Tive a idéia de convidar um ancião para me acompanhar. Ele aceitou e me ajudou no controle do equipamento audiovisual. Após o programa, saímos para jantar. Conversamos muito, por quase duas horas.

Lembro-me agora de que, antes desse encontro, eu saíra com outro ancião para almoçar. Também foi um encontro muito bom; na verdade, essencial. Ele me acompanhara a uma reunião com líderes das igrejas da Associação. Ficamos três horas conversando no restaurante.

Por que estou escrevendo isso? O que esses encontros gastronômicos têm a acrescentar ao trabalho pastoral? Responderei isso mas, antes, quero falar um pouco sobre os encontros em si mesmos. Não me lembro o que comemos. Não lembro o nome dos restaurantes. Só me lembro que conversamos sobre muitas coisas, desde nossas experiências da infância até o casamento; sobre problemas que o filho de um deles estava enfrentando para decidir com qual garota deveria namorar; falamos sobre nó de gravata, uso de guardanapo. Discuti-mos sobre a forma correta de se esco-

*Se a relação
pastor-ancião
for distante, tudo o
mais tende a ir mal*

lher um prato. Falamos sobre garçons, entre muitas outras coisas.

Pude ver o brilho nos seus olhos. A alegria de contar como foi que começou no trabalho que exerce até hoje. A emoção de falar da filha que está no internato e escreve poemas. Contou como leu, sem a filha saber, um poema que ela escrevera sobre ele. Nunca esquecerei o brilho daqueles olhos e a emoção daquela voz.

Mas por que estou escrevendo essas coisas? Ainda não entendeu? Então me permita ser um pouco mais direto: Lembra-se da última vez em que saiu com um líder da sua igreja simplesmente para “jogar conversa fora”? Lembra-se da última vez em que falou sobre nada com seu ancião? Acredite, isso faz com que ele sinta que a relação pastor-ancião é muito mais do que resolver problemas. Certamente o levará a descobrir que o pastor é um ser humano que sabe sorrir e que tem sentimentos.

Querido pastor, responda rápido a mais algumas perguntas: Sabe como foi que seus anciãos se tornaram adventistas? Sabe como eles conheceram as suas respectivas esposas? Sabe quantos filhos têm e qual o grande sonho da vida deles? Isso se chama intimidade, cumplicidade, amizade.

Quando foi que se assentou com o seu ancião, debaixo de uma árvore, e falou sobre qualquer coisa que não fosse os pro-

blemas da igreja? Qual foi a última vez em que seu ancião percebeu que você se preocupa em estabelecer uma relação de companheirismo e amizade com ele?

A relação pastor-ancião é uma das mais importantes da vida de uma congregação. Se essa relação estiver estremeçada, tudo o mais tende a ir mal. Se não houver transparência, as comissões serão mais difíceis, entravadas. Se tal relação estiver sofrendo de alguma forma, a igreja também sofrerá. E as consequências disso podem ser desastrosas: igrejas divididas, irmãos magoados, lideranças falhas e alvos não atingidos.

Por que digo isso? Pastor e ancião devem ser parceiros no ministério. E isso é o que nos ensina o *Guia Para Anciãos*. Nesse manual, encontramos que os interesses do pastor e do ancião devem ser similares. Para que isso aconteça, é necessário haver cumplicidade, amizade, companhia.

Geralmente, ao ler algo assim, uma das primeiras reações de alguns pastores é dizer: não tenho tempo para isso. Então, lamento dizer, caro pastor, não tem tempo para uma das atividades de maior importância na igreja e no trabalho pastoral. Ao visitar um ancião, certa vez, ele me perguntou, assim que me viu: “Algum problema, pastor?” Já percebeu que quando os anciãos nos vêem à porta de sua casa, logo perguntam se algo está errado? Só os procuramos para resolver problemas e nunca para dizer-lhes: vim à sua casa, para saber como vai você e orar com você.

Nunca me esquecerei desses encontros e de tantos outros que tive com anciãos, desde o início do meu pastorado. Em restaurantes, fazendas, rios, em campos de esporte, em minha casa, no acampamento ou à porta da igreja. Eles me fizeram muito bem. Conheci-os melhor. Descobri seus sonhos e frustrações. Conheci a pessoa que se esconde atrás do título de ancião. E eles descobriram a pessoa que vêem sempre de terno e gravata e a quem chamam de pastor.

Eram empresários, médicos, dentistas, fazendeiros, empregados, professores, agricultores, aposentados. Gente culta ou simples. Gente que falava de maneira humilde e honesta. Ali estavam com seus sonhos e frustrações, com idéias e críticas construtivas; querendo e precisando de um ouvido amigo.

Eu nunca me esquecerei. E, tenho certeza, eles também não. **M**

UMA PARCERIA SAUDÁVEL

Pastor e profissionais de saúde mental devem trabalhar juntos no atendimento às pessoas



LARRY YEAGLEY

Pastor jubilado, reside em Charlotte, Michigan, Estados Unidos

“Eu entendo que Gustavo é membro de sua igreja. Certo, pastor?”, perguntou-me o cardiologista. “Sim”, respondi-lhe. “Estou justamente começando o meu trabalho nesta cidade, de modo que ainda não estou muito familiarizado com ele”, acrescentei. O médico continuou: “Isso não importa. O que importa é que agora Gustavo necessita de sua ajuda. Nossa equipe de cardiologistas está fazendo tudo o que pode, mas ele está desencorajado e tem questões espirituais para as quais não estamos treinados na busca de soluções. Nossa especialidade é medicina, não religião. Acho que você pode fazer a diferença.”

O telefonema daquele médico, ainda em meu primeiro mês de trabalho naquela cidade ensinou-me uma valiosa lição quanto à colaboração e à parceria que devem existir entre o pastor e especialistas de saúde. Os resultados foram gratificantes. Depois daquela experiência, toda vez que Gustavo me

apresentava a algum amigo, dizia: “Quero que você conheça o pastor que ajudou a salvar minha vida.”

Anos depois eu estava servindo como capelão em um hospital. Um oncologista foi ao meu escritório e se apresentou: “Sou o Dr. Frank. Sou novo aqui e estarei admitindo pacientes com câncer em nossa unidade. Muito frequentemente tenho que dar más notícias aos pacientes. Considero-me um bom médico, mas não sou bom para juntar as peças depois de dar más notícias. Quero que você me acompanhe para fazer esse trabalho, sempre que eu tiver que visitar famílias em tais circunstâncias.”

O Dr. Frank sabia que não podia fazer tudo. Sua habilidade para encaminhar pacientes e colaborar tornou seu trabalho médico mais efetivo. Os pastores que ministram dentro de sua competência e usam habilidade para encaminhar pacientes que enfrentam crises emocionais aos respectivos especialistas são uma grande vantagem para qualquer congregação. Eles levarão suas igrejas a um crescimento mais espiritual e mais saudável.

No *Journal of Psychology and Christianity* (*Revista de Psicologia e Cristianismo*), de julho/1988, Willa D. Meylink e Richard L. Gorsuch relatam que embora 40% de todas as pessoas que necessitam ajuda se aproximem primeiro de um pastor, menos que 2% delas são encaminhadas a profissionais de saúde mental. Esse e outros estudos similares indicam uma necessidade de pastores que desenvolvam habilidades de colaboração e parceria.

O que um pastor pode fazer

Os seminários preparam os clérigos para aconselhar pessoas em questões espirituais, para aplicar conceitos bíblicos à vida diária e para conduzir a congregação a uma experiência fraterna de louvor. Ministar cuidado espiritual é definitivamente uma área de competência do pastor. Aconselhamento preventivo também pode ser papel do pastor, desde que ele tome tempo para desenvolver aquilo a que Henri Nouwen se referiu como sendo uma personalidade terapêutica. Isso requer constante estudo de como Jesus tratou as pessoas e fervorosa prática, com oração, dos Seus métodos.

Aconselhamento preventivo inclui dar esperança e encorajamento com voz agradável, gentil e compassiva. Uma oratória ruidosa que julga o pecado com tons de voz agressivos e irados não produz esperança nem cura. A proclamação da graça de Deus para aliviar os fardos da vida produz atitudes positivas e a crença de que os problemas podem ser superados pelo poder amplo e interventor de Deus.

Algum tempo atrás falei a uma grande congregação na costa oeste dos Estados Unidos sobre o desejo de Cristo de entrar em nossa tristeza e solidão. Mas de dez anos após, encontrei uma família na costa leste do mesmo país, que tinha assistido à programação daquele dia. Um membro da família me falou que eles haviam experimentado uma tragédia devastadora e perceberam que Deus os havia conduzido à igreja naquele dia. Voltaram ao lar com o sentimento de confiança de que Deus poderia caminhar

com eles através das sombras da tristeza e depressão. Isso é o que eu chamo aconselhamento preventivo do púlpito.

Samuel Chadwick disse uma vez que o pastor deveria sempre falar como um alquebrado aos alquebrados, como um morto aos mortos. Ouvi Henri Nouwen dizer que o pastor nunca deveria ir como forte ao fraco, como saudável ao doente, como triunfante ao derrotado. O pastor deve se identificar com a enfermidade do enfermo e, compassivamente, caminhar junto ao viajor cansado.

Ernest E. Bruder escreveu, em seu livro *Ministering to Deeply Troubled People* (*Ministrando a Pessoas Profundamente Perturbadas*): "Pessoas profundamente perturbadas necessitam mais que um pastor com habilidade para detectar a profundidade e extensão de suas dificuldades. Elas necessitam de alguém que possa lhes comunicar significativamente que, independente do que aconteça, elas nunca estarão separadas da compaixão e da preocupação de Deus." Uma crise emocional pode realmente ser uma oportunidade de maior abertura para a graça curadora de Deus.

Profissionais de saúde mental com os quais tenho conversado consideram meu papel vantajoso e até invejável. Isso porque, em muitos casos, eu já sei a história das famílias, incluindo suas crises emocionais. Algumas vezes eu sou parte do

sistema de apoio à pessoa, durante e depois do processo de aconselhamento. Sendo assim, sou a pessoa mais provável para colaborar com o profissional de saúde mental, e isso deveria ser conveniente e agradável a todas as partes.

Triagem

Como capelão de um hospital, participei de muitos treinamentos para catástrofes. Quando as "vítimas" chegavam à sala de emergência, muitos médicos com várias especialidades serviam como uma equipe de triagem. Eles diagnosticavam os problemas e enviavam as pessoas às respectivas áreas de tratamento. Eu fazia parte da equipe de conforto e aconselhamento. Nunca participei da equipe de triagem porque tomar decisões médicas não era minha especialidade.

O pastor deve se tornar familiarizado com os sintomas observáveis de distúrbios emocionais, de modo que possa reconhecer a necessidade de ajuda específica. Mas normalmente ele não está equipado para fazer diagnósticos e triagem psicológicos. O ideal é que ele tenha acesso a profissionais com as habilidades necessárias.

Algumas igrejas contratam um profissional de saúde mental para fazer a triagem. Alguns pastores que conhecem têm profissionais em suas igrejas que os

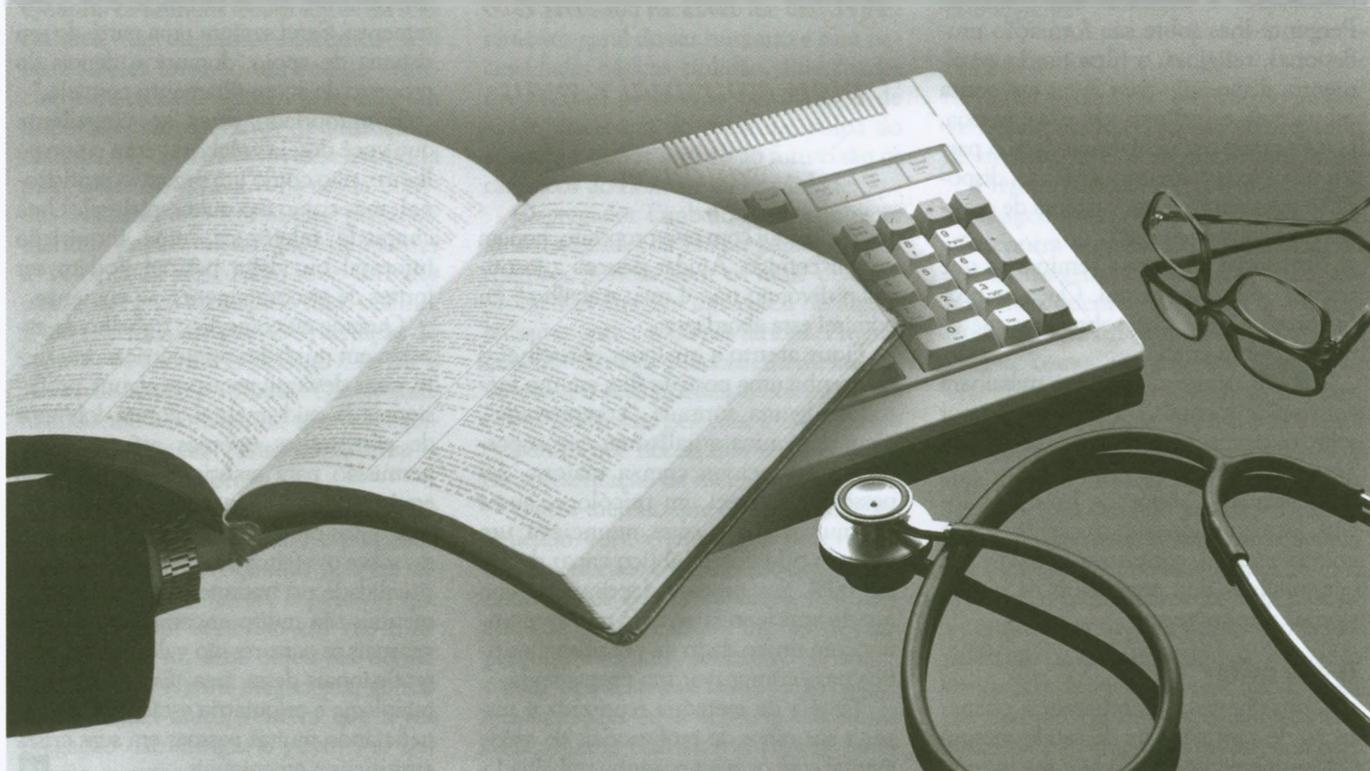
ajudam voluntariamente. A triagem profissional pode ou não culminar com o tratamento. Idealmente, todo encaminhamento deverá ser feito com a concordância do paciente, a colaboração do pastor e a triagem profissional.

Não faz muito, perguntei a um psicólogo quando um pastor deveria fazer o encaminhamento. Sua resposta foi: quase sempre. Ele e outros profissionais entrevistados por mim enfatizaram que essa resposta não significa uma desvalorização do trabalho do pastor. É simplesmente um reconhecimento de que o treinamento da maioria dos pastores e o treinamento dos profissionais são diferentes. Ambos desempenham um grande papel no cuidado dos membros das igrejas e de outros que enfrentam crises emocionais.

Arquivo de especialistas

O fato de que o pastor não seja um especialista em triagem não quer dizer que não possa ter conhecimento dos profissionais a quem deveria encaminhar pessoas que necessitam de ajuda. Ele pode ter no arquivo uma relação desses profissionais. Afinal, muitos membros de igreja se sentem mais à vontade fazendo consultas ou se tratando com alguém a quem o pastor conhece.

Como o pastor poderia elaborar essa relação? As seguintes sugestões foram



extraídas de entrevistas com pastores, assistentes sociais e psicólogos que estão envolvidos em programa doutoral:

Propaganda oral. Ouça os irmãos da igreja, especialmente aqueles que viveram um processo de aconselhamento psicológico. Eles indicarão quem deve ser procurado e quem deve ser evitado. Quando um irmão relatar favoravelmente ou desfavoravelmente a respeito de sua experiência de aconselhamento, tome nota para indicações futuras.

Informações do antecessor. Você ganhará tempo se o pastor que o antecedeu partilhar sua lista de profissionais a quem ele indicava as pessoas que precisavam de ajuda.

Outros pastores. Por ocasião de reuniões e concílios pastorais, procure familiarizar-se com outros colegas que têm vivido tal experiência em sua comunidade. Peça-lhes que indique alguns competentes profissionais de saúde mental.

Médicos. Em sua igreja ou mesmo em sua família podem haver médicos que conheçam conselheiros, psicólogos e psiquiatras confiáveis e de sucesso.

Entrevistas. Alguns profissionais de saúde mental se mostram desejosos de ser conhecidos e podem dar entrevistas por telefone ou, preferencialmente, através de contato pessoal. Eles vêem isso como uma forma de se tornarem conhecidos e expandir seu trabalho. Pergunte-lhes sobre sua formação profissional, religiosa, a filosofia do tratamento, disposição para levar em conta os valores espirituais de uma pessoa, boa vontade para colaborar com o pastor quando isso for conveniente, disposição para aprender do sistema de crenças do aconselhado, etc.

Seminários. Assista a seminários que tratem de saúde mental. Ouça os profissionais e pergunte sobre seus métodos de tratamento.

Clínicas. Visite clínicas que trabalham com saúde mental. Pergunte ao diretor sobre os terapeutas que ali trabalham e as respectivas áreas de competência.

Capelania. Visite os hospitais locais, faça amizade com os capelães. Isso coloca você em contato com médicos e paramédicos que conhecem os profissionais disponíveis.

O que evitar

Conselheiros que rejeitam a cooperação de profissionais de saúde mental colocam em risco a saúde e até mesmo

a vida dos seus consulentes. Já encontrei muitos pacientes em unidades psiquiátricas que tentaram o suicídio e sofreram depressão, durante longos anos, porque foram desencorajados por seus conselheiros de buscar ajuda de profissionais que os teriam tratado com êxito.

Evite indicar conselheiros que tenham pouca ou nenhuma consideração pela santidade do compromisso conjugal. Certo conselheiro matrimonial famoso nacionalmente, nos Estados Unidos, conduziu uma série de palestras em nossa cidade. Em uma de suas primeiras conferências, ele falou aos casais que buscavam aconselhamento: "Vocês precisam saber que eu acredito na instituição familiar. Trabalho para salvar casamentos. Se vo-

*Os pastores que usam
 habilidade para
 trabalhar em parceria
 com profissionais de
 saúde levarão suas
 igrejas a um crescimento
 mais espiritual e mais
 saudável.*

cês estão aqui com esse propósito, podem contar comigo. Ajudar pessoas a justificar o divórcio não é meu trabalho." Eu admirei essa abordagem.

Fique atento a qualquer conselheiro que tenha uma posição fixa em um método, alguma fórmula "comprovada", alguma técnica atualíssima que supostamente funciona com a maioria das pessoas. Conheci um psicólogo, autor de muitos livros, que anunciava um método tido como bíblico capaz de curar 60% das pessoas deprimidas, sem uso de antidepressivos. Só não apresentava um único dado de pesquisa científica para comprovar sua propaganda.

Terapia de memória reprimida é suspeita aos olhos de profissionais de saúde mental com os quais eu tenho trabalhado.

Essa abordagem freqüentemente cria falsas lembranças que complicam o processo de cura. Tratamentos que envolvam longos períodos de tempo e que consistam principalmente de introspecção e olhar ao passado raramente são produtivos.

Como disse William R. Miller, em seu livro *Integrating Spirituality Into Treatment (Integrando Espiritualidade ao Tratamento)*, "um clínico que considere patogênica toda crença religiosa não apenas desconsidera o peso da evidência empírica, mas também manifesta seus preconceitos na prática".

Rejeição

Sentimentos de rejeição podem ser evitados se a indicação pastoral for precedida por uma declaração como a seguinte: "Eu não me sinto competente para guiar você neste assunto. Acho que lhe prestaria um desserviço, se tentasse fazê-lo. Valorizo muito a sua pessoa. E gostaria de ajudá-lo a encontrar um conselheiro competente que possa contribuir para que você saia dessa situação o mais rápido possível. Com sua permissão escrita, poderei trabalhar com você para encontrar a melhor referência. Isso não significa que não estarei disponível para encorajá-lo espiritualmente. Na verdade, me encontrarei com você uma ou duas semanas depois das suas primeiras duas consultas com o especialista, para assegurar-me de sua satisfação com o tratamento. Serei sempre uma parte do seu sistema de apoio, durante e depois do processo de aconselhamento com ele."

É apropriado dizer ao consulente que você deseja colaborar com o conselheiro, não como um segundo profissional, mas como um guia espiritual. Uma chamada telefônica, uma inquirição informal ou visita pessoal podem ser fontes de encorajamento ao paciente.

Quando eu comecei o trabalho de capelão em unidades psiquiátricas, era visto com desconfiança por alguns profissionais de saúde mental. Foram dois anos de persistentes esforços até conseguir permissão para assistir às reuniões das equipes de tratamento. Desde então, foram feitos muitos progressos. As pesquisas sobre os efeitos de integração da espiritualidade no tratamento de problemas mentais são muito encorajadoras. Cada vez mais os pastores são valorizados pelos profissionais dessa área. Espiritualidade, psicologia e psiquiatria estão, juntas, beneficiando muitas pessoas em suas crises espirituais e emocionais. 

PREGAÇÃO COM OBJETIVO



AROLDO F. DE ANDRADE

*Secretário Ministerial da Associação
Rio de Janeiro Fluminense, Brasil*

Faz alguns anos, um programa esportivo de televisão mostrou um fato interessante ligado às corridas de cães. Quando os animais foram soltos de suas cabines, um engenho eletrônico ia à frente deles levando um coelho artificial. Esse recurso mantinha os cães em disparada, na esperança de alcançar o coelho. A velocidade desenvolvida pelo aparelho ditava o ritmo da corrida. Naquela oportunidade, possivelmente a pessoa encarregada de manter a velocidade descuidou-se e um dos cães conseguiu alcançar o falso coelho. Qual não foi a imagem de frustração do animal, ao morder o boneco e sentir o gosto de pano e graxa. Cabisbaixo, abandonou a corrida, no que foi seguido pelos demais, culminando com o encerramento da prova.

É possível que alguns pregadores estejam também preparando e pregando os seus sermões, enquanto buscam alcançar objetivos falsos? É possível que alguns estejam correndo em vão e esmurando o ar, sem objetivos definidos? Por que alguns pregadores, ao término de um culto, sentem que a sua pregação não atingiu o povo? Por que alguns experimentam na sua pregação

Quando o pregador tem um alvo e o centraliza em Cristo, o Espírito o guiará no preparo e apresentação da mensagem, abençoando os ouvintes

uma sensação de vazio e inutilidade? Para que a pregação alcance os ouvintes é necessário que o pregador busque preencher três necessidades: as necessidades de conhecer, preparar e aplicar.

Conhecimento

O pregador necessita ter um conhecimento geral do ser humano e suas necessidades básicas. Solidão, dificuldades financeiras, problemas familiares e de saúde, incerteza do presente, culpa do passado e temor quanto ao futuro são os carrascos do homem na atualidade.

O pregador também deve conhecer as necessidades da sua pregação. A cada reunião, pessoas com os mais diversos problemas chegam em busca de algum bálsamo para curar suas feridas. Programas de visitação e aconselhamento favorecem o conhecimento dos membros e seus problemas pessoais, identificando os pontos que necessitam ser abordados na apresentação da mensagem.

Outro método que também pode ser aplicado com eficiência é o levantamento em cada congregação dos pontos doutrinários que os membros têm dificuldade em entender. Através de uma pesquisa anônima, semestral ou anual, o pastor pode avaliar a sua congregação e assim saber se o alimento oferecido cada semana está alcançando os resultados necessários.

Se o pregador não sabe quais as necessidades dos seus ouvintes, é bem provável que sua pregação mais pareça um tiroteio com espingardas e escopetas, onde chumbo é espalhado em todas as direções, sem nenhuma certeza de onde irá cair nem se irá alcançar ou não alguém.

Preparo

A necessidade de preparação envolve três aspectos: o preparo do pregador, da mensagem e de recursos auxiliares.

Preparo pessoal. A maneira como o mensageiro se apresenta em público depende contra ou a favor da eficiência de sua mensagem. O preparo pessoal do homem a quem Deus utiliza como instrumento inclui principalmente uma vida de comunhão com Ele e Sua palavra, além de um bom testemunho, tanto perante a congregação como diante da comunidade. Isso significa viver o que prega e praticar o que ensina. Faz parte de um passado remoto o tempo quando as pessoas eram respeitadas apenas pela sapiência e eloquência. A vida familiar, o relacionamento interpessoal e conduta nos negócios destroem ou solidificam uma pregação. A pregação dissociada da vivência tem sido a causa do fracasso de muitos talentosos homens da palavra. As pessoas percebem quando o pregador não é sincero.

Outro aspecto do preparo pessoal inclui a leitura. O pregador necessita inteirar-se de todo tipo de informação. Muita leitura, especialmente de temas atuais. Podemos fazer outra aplicação da recomendação do apóstolo Paulo: “Julgai todas as coisas, retende o que é bom” (I Tess. 5:21). Se isso é necessário para qualquer cristão, muito mais para o pregador.

O que dizer da aparência pessoal diante da congregação? Uma vestimenta adequada ao ambiente e também ao clima deve ser observada. Às vezes, uma peça de roupa desajeitada ou mal combinada pode causar estragos. Uma gesticulação exagerada, uma voz estridente ou esganiçada prejudica a apresentação. Essas coisas atraem a atenção dos ouvintes, distraíndo-os de tal maneira que a mensagem se perde.

Não se deve esquecer da prática da oratória. Só se aprende fazer, fazendo. Um grande orador não nasce orador, mas se torna orador pelo esforço pessoal e prática.

Preparo da mensagem. A figura de um cozinheiro preparando o alimento para ser degustado é uma significativa ilustração do preparo de um sermão. Assim como ele seleciona os ingredientes, coloca-os na medida certa, avaliando os nutrientes, da mesma forma deve agir o pregador ao preparar sua mensagem. Deve ler bons livros de orientação para o preparo de sermões, escolher o tipo de sermão que pretende utilizar, conhecer o modelo que melhor se adapta ao seu estilo pessoal, preocupar-se em atingir o objetivo de alimentar o rebanho e mãos à obra.

O tema do sermão deve ser escolhido com espírito de oração e buscando alcançar aquelas necessidades já identificadas junto aos ouvintes. O esboço é o esqueleto do sermão, a estrutura que, depois de recheada com outros elementos, vai se transformar num poderoso instrumento para alcançar corações. Cada parte do sermão deve merecer atenção: a introdução, o corpo com suas divisões e a conclusão com o apelo. De posse de ferramentas de pesquisa, tais como comentários bíblicos, dicionários e concordâncias, deve o pregador cavar o terreno em busca da compreensão do texto escolhido. É interessante também conhecer outras versões da Bíblia.

Uma apresentação que não tenha fundamentação bíblica não é um ser-

mão. Pode receber qualquer outro nome, menos o de sermão. Muitos pregadores estão levando ao púlpito muitas idéias estranhas à Bíblia, e o mais estranho é que as estão chamando de sermão.

Deve-se evitar o uso excessivo de qualquer tipo de material. Se alguma fonte deve ser citada mais que outras, essa fonte é a Bíblia. No passado, a igreja sofreu com o excesso de citações de Ellen White. Alguns pregadores faziam isso de forma tão exagerada que, muitas vezes, a Bíblia não era aberta durante todo o sermão, nem mesmo citada. Atualmente parece que estamos num outro extremo. Os escritos considerados inspirados foram deixados de lado e, para alguns pregadores, é como se não existissem; ou fossem uma fonte sem nenhum valor referencial. Todas essas ferramentas devem ser usadas para descobrir o que o escritor bíblico desejava comunicar aos seus ouvintes

*“Um sermão não é
 uma peça de arte
 para ser admirada,
 mas um bocado de pão
 para ser comido.”*

primários, e depois elas devem ajudar a entender o que esse texto tem para nos comunicar hoje. Se não encontramos os objetivos de um texto bíblico, este não deve ser utilizado no sermão.

Sobre a duração do sermão, crê-se de modo geral que não deve ser o relógio quem determina o seu tamanho. O sermão longo é o que parece longo, enquanto o curto é aquele que termina quando as pessoas ainda desejam ouvir. No entanto, 30 minutos é um tempo bastante satisfatório.

Preparo de recursos auxiliares. É verdade que os primeiros pregadores usavam como únicos recursos o corpo – os gestos e a voz. Alguns poucos elementos de culto eram incorporados ao sermão, basicamente apenas a música. Mas hoje existe uma sólida estrutura tecnológica a serviço do pregador. O pregador e as igrejas devem estar aten-

tos às mudanças. A maneira como a sociedade reage a essas mudanças também requer atenção. O projetor de slides, que tanto sucesso fez algumas décadas atrás, hoje está ultrapassado até nas zonas rurais. Retroprojetores, videocassetes e computadores aliados aos projetores de vídeo são as ferramentas de última geração; ampliam o alcance e o efeito da mensagem.

A música, como elemento de fixação da mensagem e, principalmente, de auxílio na decisão, não tem sido usada de maneira sábia como poderia. O pregador pode, com o auxílio do diretor de música, unir as mensagens falada e cantada, de tal forma que os resultados sejam ainda mais expressivos.

Um recurso utilizado por Jesus e que ainda hoje tem seus efeitos benéficos aos ouvintes é o uso de ilustrações. Apropriadas ao ambiente e adequadas ao assunto, as ilustrações são a janela por onde a luz entra, ajudando o ouvinte a compreender a mensagem. Há muitos livros de ilustrações que podem ser utilizados com cautela. Nenhuma daquelas ilustrações deveria ser contada como se fosse pessoal, pois alguém pode tê-la usado antes, e isso pode destruir a confiança dos ouvintes no pregador. As melhores ilustrações para sermão são aquelas extraídas da vida diária e da experiência pessoal do pregador.

Deve-se exercer equilíbrio no uso de ilustrações. Um edifício que tenha apenas janelas poderá ruir por falta de estrutura. As anedotas que tenham o único objetivo de fazer a congregação rir devem ser evitadas, pois o alvo da pregação não é divertir as pessoas. Também é necessário eliminar o uso de ilustrações que retratam particularidades de membros da congregação, que confiaram o assunto ao pregador em caráter confidencial. Antes de criar situações constrangedoras, o pregador deve obter do membro a sua aprovação para tornar pública ou não tal experiência.

Aplicação

Após a preparação do mensageiro e da mensagem, ainda há um outro fator a considerar para a eficiência do sermão. Como aplicar a mensagem aos ouvintes? Algumas pessoas ouvem belas exposições de passagens bíblicas, mas depois perguntam a si mesmas: “O que essa história tão antiga tem a ver comigo e com os meus problemas?”

O desafio do pregador é alcançar a congregação. Um sermão só é sermão se cumprir sua missão. E qual é a missão objetiva de um sermão? Algumas definições anônimas podem ajudar a encontrar esse objetivo. "Um sermão deve confortar os atribulados e atribular os confortados." Ou "um sermão não é uma peça de arte para ser admirada, mas um bocado de pão para ser comido". A clássica definição de Pattison ainda se destaca entre outras pela sua brevidade e simetria: "A pregação é a comunicação verbal da verdade divina com o fim de persuadir."

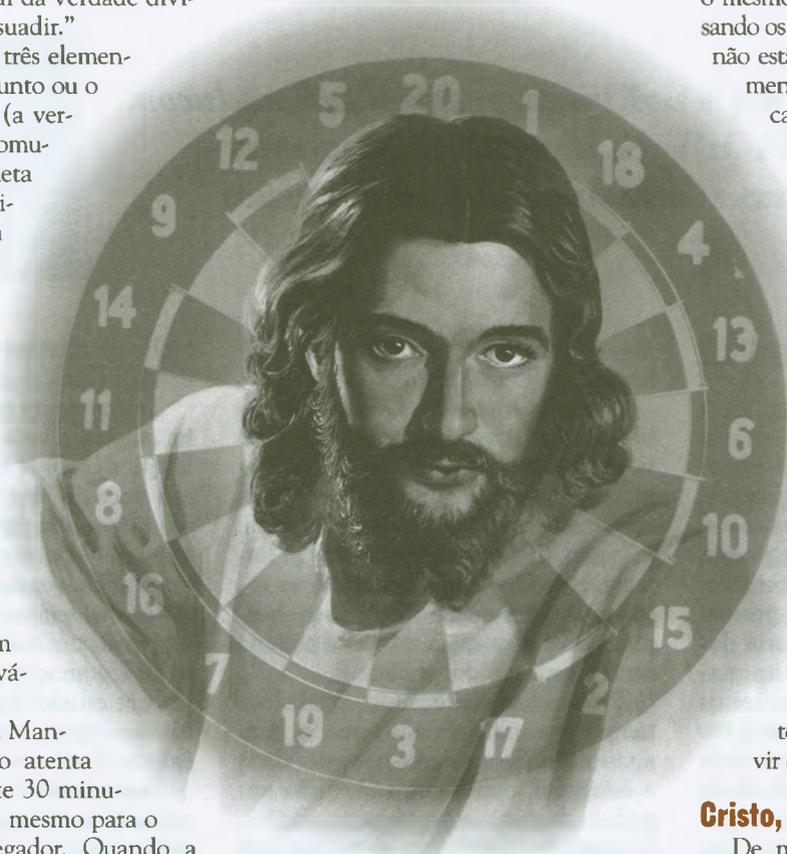
Aqui aparecem os três elementos da pregação: o assunto ou o material da pregação (a verdade), o método (a comunicação verbal) e a meta ou objetivo a ser atingido (a persuasão). Se a congregação não se sentiu alimentada, se não foi desafiada a vencer os obstáculos, seu tempo foi roubado e suas esperanças destruídas. Para alcançar o objetivo da pregação são necessárias três coisas: Prender a atenção dos ouvintes, aplicar a mensagem bíblica num contexto atual e levá-los à decisão.

Captando a atenção. Manter uma congregação atenta por aproximadamente 30 minutos não é tarefa fácil, mesmo para o mais experiente pregador. Quando a pregação ocorre, como é normal acontecer num sábado, após uma hora e meia de programação prévia, a tarefa se torna quase impossível. Portanto, o pregador necessita usar os vários recursos anteriormente mencionados, para conseguir ser ouvido e entendido.

Não se consegue a atenção de uma criança exigindo-a sob pena de castigo, mas prometendo-lhe uma recompensa. Será que os adultos são diferentes? A atenção é natural quando o assunto é relevante e apresentado de forma interessante. Além disso, os ouvintes necessitam ter um senso da relação custo-benefício. Ouvir este sermão me trará alguma vantagem? Que benefícios posso receber, ouvindo este pregador du-

rante 30 ou 40 minutos? Ninguém suporta ouvir um sermão desinteressante ou pregado num tom de voz arrastado.

Aplicando a mensagem. Como tornar a mensagem bíblica atual é o próximo desafio do pregador. Mesmo que o sermão já tenha sido pregado várias vezes, em cada nova oportunidade ele pode e deve ser reformulado. A melhor alteração que pode ser introduzida num sermão é o sentido de atualidade e utilidade. Os pregadores são os únicos a imaginar que



as pessoas, quando vão à igreja, estão ansiosas por descobrir detalhes de histórias antigas. Alguns poucos se preocupam com aquilo que as pessoas necessitam ouvir. Muitos pregam apenas para preencher um espaço de tempo na agenda da igreja.

Mas o pregador deve ter em vista as pessoas. A menos que ele pense nas pessoas, jamais conseguirá mostrar soluções divinas para os problemas humanos. Cada pessoa que está ouvindo o sermão está enfrentando algum tipo de dificuldade, e o pregador tem a chance de tornar a mensagem bíblica real para ela.

As pessoas desejam ouvir sobre suas necessidades, mas também precisam ouvir o que Deus tem para lhes dizer.

Esta é a dupla tarefa do pregador: falar o que Deus quer que os homens ouçam e, ao mesmo tempo, preencher as necessidades humanas.

Levando à decisão. Finalmente, como fazer com que os ouvintes tomem uma decisão positiva pela verdade pregada? Será uma experiência frustrante chegar ao final de um sermão sem saber o que fazer. Todo sermão necessita terminar com um apelo aos ouvintes; mas é necessário estar atento às reações deles, para decidir que tipo de apelo utilizar. O pregador que sempre usa o mesmo tipo de apelo pode acabar cansando os seus ouvintes. Quando as pessoas não estão acompanhando o desenvolvimento do assunto, ou quando já estão cansadas de tanto ouvir, podem ser tentadas a atender ao apelo apenas para que o sermão termine logo e elas se sintam livres do sofrimento imposto.

O apelo não deve ser uma parte obrigatória no final do sermão, forçada pelo esboço. Ele deve fluir através de todo o sermão, levando o ouvinte a pensar reflexivamente em cada parte da mensagem: "Diante destes fatos que estão sendo apresentados, que devo fazer?" Lembre-se: alguns dos presentes podem estar ouvindo o último sermão de sua vida. Como você pregaria se soubesse que alguém no auditório não terá oportunidade de ouvir outro sermão?

Cristo, o centro

De modo geral quando as pessoas vão à igreja, elas desejam ser alimentadas. Quando um pregador aceita a incumbência de entregar uma mensagem, em determinado dia e hora, ele necessita transpor os obstáculos para realizar a tarefa com eficiência. Todo pregador, quer seja iniciante ou experiente, pode aprender a alcançar os objetivos da pregação.

Cristo deve ser o coração de todo sermão. Se a principal preocupação do pregador for apresentar a Cristo, certamente os ouvintes serão atingidos e os objetivos serão alcançados. Não é possível pregar para alcançar sem que haja preparo prévio em todas as etapas. Sem a presença de Cristo, nenhum sermão alcançará resultados positivos. 

A arte da VISITAÇÃO



JAMES CRESS

*Secretário ministerial
da Associação Geral da LASD*

Alguns crêem que a visita pastoral está morta. Mas quando os membros falam das qualidades do pastor, apontam a visitação como prioridade. Embora as tendências sociais possam mudar as expectativas, a maioria dos membros dá boas-vindas à visita pastoral. Quando certa vez pesquisei os membros de minha igreja quanto a seu desejo de serem visitados, a maioria se pronunciou positivamente, mas desde que a visita fosse marcada com antecedência. Outros pastores dizem que os membros têm diferentes expectativas e desejam que a visita ocorra sem acertos prévios.

O certo é que a visitação pastoral não caducou. Ela pode não ser bem feita, ou ignorada; mas permanece como excelente arte que suscita tremendos benefícios quando praticada corretamente. Considere as seguintes sugestões:

Visitação é trabalho pastoral – “Famílias há que não se poderão alcançar com a verdade da Palavra de Deus, a menos que Seus servos entrem nos respectivos lares e, por zelo ministerial, santificados pelo endosso do Espírito Santo, derribem as barreiras. Ao ver o povo que esses obreiros são mensageiros de misericórdia, os ministros da graça,

*A visita pastoral não caducou.
Realizada corretamente,
rende dividendos eternos*

dispõem-se a ouvir as palavras que proferem.” – *Evangelismo*, págs. 435 e 436.

Anuncie a visita – Deixe os membros saberem as condições sob as quais você fará a visita. Por exemplo, informe os membros que faria a visita a convite deles ou por iniciativa própria, mas não a faria sem marcá-la com antecipação. Disse-lhes também que seriam visitados quando estivessem hospitalizados, mas que essa visita poderia ser feita por um dos anciãos.

Priorize a visitação – Estabeleça tempo específico, a cada semana, para a visitação. Se você não der prioridade a esse item, outras demandas irão impedi-lo de praticar suas boas intenções. Contate imediatamente as pessoas que visitam a igreja. Você também deve visitar os membros que estão passando por desafios ou situações de crise; aqueles que fizeram o primeiro contato por meio dos programas radiofônicos ou televisivos; outras pessoas que são membros potenciais e os membros ausentes.

Visite acompanhado – Sempre que possível, levar alguém junto é vantajoso e está em harmonia com o exemplo de Cristo, ao enviar os discípulos de dois em dois. É uma ótima técnica de autopreservação. Por que arriscar sua reputação, diante do que outros podem informar que você disse ou fez, durante a visita em determinado lar? Isso também ajuda a treinar os leigos. Se a pessoa visitada necessita iniciar estudos

bíblicos, você pode colocá-la aos cuidados da pessoa que o acompanha.

Treinamento por associação – Você irá ampliar a visão dos líderes leigos, ao levá-los consigo nas visitas. Eles verão que você dá importância a essa obra e passarão a crer que podem reproduzir suas habilidades, porque o observam na prática, em vez de apenas na teoria.

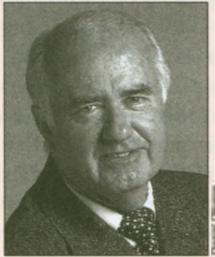
Ganhe tempo – Marque encontros na igreja com aqueles que têm facilidade de locomoção e transporte, a fim de realizar estudos bíblicos ou aconselhamento. Agrupar suas visitas por região, em seu distrito, sempre ajuda.

Faça visitas breves – A visita não necessita ser longa para resultar em benefícios eternos. No hospital, diga ao enfermo que você veio para orar por ele. Encoraje-o a confiar nos cuidados de Deus. Pergunte-lhe se há outro motivo especial de oração, leia um trecho das Escrituras e ore pelas necessidades dele. Busque incluir na oração outros pacientes que estejam no mesmo recinto.

Nas visitas evangelísticas, às vezes você fará muito mais em cinco ou dez minutos do que se permanecer por uma hora. Afirme claramente o objetivo de sua visita ao entregar à pessoa um folheto ou livro e agradeça-lhe por estar frequentando a igreja. Faça uma pergunta que implique uma resposta explicativa quanto à aceitação do que está ouvindo e, antes de sair, peça permissão para fazer uma oração em favor desse lar. **M**

TRINDADE

UMA REVELAÇÃO GRADUAL



RUBEM M. SCHEFFEL

*Editor de Livros Denominacionais
da Casa Publicadora Brasileira*

Imaginemos que Deus fosse apenas uma Pessoa. Isso significaria que Ele estivera, durante milhões e milhões de anos, na imensidão vazia, antes de ter criado o Universo e os seres vivos. Mas a Bíblia diz que Deus é amor, e o amor não pode se manifestar em solidão. É preciso ter alguém a quem amar, caso contrário, o amor não se desenvolve. E não tem chance de ser correspondido. Fica difícil imaginar um Deus de amor, que permaneça por uma eternidade passada sem ter a quem amar.

A tendência de quem é sozinho é desenvolver o egoísmo, o orgulho, não o amor. Porque o amor precisa ser expresso e partilhado. Se Deus fosse um Ser solitário, talvez a Bíblia dissesse que Deus é orgulho, ou que Deus é egoísmo. Mas como Deus é amor, isso por si só já subentende que Ele, desde os tempos da eternidade, sempre teve a quem amar e por quem ser amado. Assim, através da revelação, sabemos que Deus o Pai ama o Filho e o Espírito Santo, e é por Eles amado. Os três constituem a Divindade, sem no entanto serem três deuses.

Se fossem três deuses, eles provavelmente seriam rivais, cada um lutando pela supremacia no Universo. E como

A obra redentora de Deus é um trabalho de equipe; o trabalho do Pai, Filho e Espírito Santo, unidos e interessados em nossa salvação

têm poderes iguais, certamente acabariam dividindo o Universo em três territórios, e cada um seria o soberano absoluto do seu terço. Então o Universo não seria mais Universo, mas uma espécie de Multiverso, tendo cada território as suas próprias leis e regulamentos.¹

Segundo a Bíblia, Deus é um só, mas em três Pessoas. Essa família Trinitária serve de modelo para a família humana, pois Gênesis 2:24 diz que o homem se une à sua mulher, tornando-se “uma só carne”. Ora, marido e mulher são duas pessoas, mas o amor substancia essa união, fazendo com que dois sejam um. Assim também é o amor que une a Trindade.

Entretanto, é preciso admitir que a Trindade é um mistério, tal como o matrimônio também o é (Efés. 5:32). Um mistério revelado, mas não explicado. A própria Bíblia diz que não podemos penetrar nos mistérios divinos: “Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os Meus caminhos, diz o Senhor, porque, assim como os céus são mais altos do que a Terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.” (Isa. 55:8 e 9).

Se nós ainda não conseguimos compreender bem o átomo, a eletricidade, e muito menos o Universo, deveríamos negar a Trindade só porque Ela transcende a nossa limitada compreensão?

Conhecimento progressivo

Quando Adão e Eva foram criados, Deus não lhes deu uma aula completa, desvendando-lhes todos os segredos do Universo. Eles deveriam aprender aos poucos: “Enquanto permanecessem fiéis à lei divina, sua capacidade para saber, vivenciar e amar, cresceria continuamente. Estariam constantemente a adquirir novos tesouros de saber, a descobrir novas fontes de felicidade, e a obter concepções cada vez mais claras do incomensurável, infalível amor de Deus.”²

Quando os remidos chegarem ao Céu, eles não receberão, logo no primeiro dia, uma dose maciça de informações que os coloque a par de tudo o que se passa no Universo. Eles estudarão os mistérios do Universo e do amor de Deus pelos séculos infintos da eternidade. E sempre “surgirão ainda novas alturas a atingir, novas maravilhas a admirar, novas verdades a compreender, novos objetivos a aguçar as faculdades do espírito, da alma e do corpo”.³

Ora, o conhecimento é progressivo não apenas para o homem, mas para todos os seres não caídos também. Eles estão há milênios pesquisando os mistérios do Universo e do amor de Deus. E estão sempre descobrindo e aprendendo coisas novas. E assim continuarão por toda a eternidade.

Assim sendo, Deus, em determinado momento da eternidade, criou os anjos e revelou-lhes de início apenas o que eles



mens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-Se a Si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus O exaltou à mais alta posição e Lhe deu o nome que está acima de todo nome.” (Filip. 2:5-9, NVI).

Após a infinita humilhação de Cristo, na cruz, Ele ressuscitou, ascendeu aos Céus, e recuperou toda a glória que tinha junto ao Pai antes da criação do mundo. Ele foi exaltado acima de todos.

precisavam saber para desenvolverem o seu trabalho no Céu. Deu um nome a cada um, indicou a sua atribuição, e estabeleceu algumas regras básicas.

A vida transcorria serena, harmoniosa e feliz no lar celestial. Não sabemos quanto tempo durou essa paz. O fato é que um dia, Lúcifer, o primeiro dos querubins cobridores, e o mais elevado em poder e glória dentre os habitantes do Céu, “invejou a Cristo, e gradualmente pretendeu o comando que pertencia unicamente a Cristo”.⁴

Como poderia ter acontecido isto? Sendo Lúcifer de uma inteligência extraordinária, como pôde ele cometer o incrível erro de se comparar com Cristo, a ponto de considerá-Lo um rival, e a ponto de achar que teria competência para ocupar a Sua posição? Será que ele não sabia que era um ser criado? Não tinha ele conhecimento da infinita distância que há entre o Criador e a criatura?

Uma parte da resposta está num dos aspectos mais fantásticos da natureza divina: Deus Se gloria na humildade. E Ele é humilde porque ama. Não temos dúvida quanto ao amor com que Deus nos amou. E por causa desse amor infinito, Cristo Se submeteu a uma infinita humilhação. Cristo disse: “Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado.” Mat. 23:12.

Estas palavras se cumpriram com o próprio Cristo, conforme nos diz Paulo: “Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-Se; mas esvaziou-Se a Si mesmo, vindo a ser servo, tornando-Se semelhante aos ho-

Na forma de anjo

Quando Lúcifer saiu a disseminar a sua rebelião entre os anjos, certamente ainda não havia compreendido que a verdadeira glória está em ser humilde, e não em exaltar-se. E esta característica divina não surgiu como uma medida de emergência para salvar o homem. Jesus não Se tornou humilde por causa do surgimento do pecado. Ele é humilde. Haveria alguma evidência de que a humildade de Cristo não está ligada apenas à salvação do homem? Sim.

Um dia, o grande Criador convocou para uma reunião especial, do conselho divino, um dos anjos, o arcanjo Miguel, O qual deveria “trabalhar em união com Ele na projetada criação da Terra e de cada ser vivente que devia existir sobre ela”.⁵

Deus estava planejando criar um novo mundo e uma nova ordem de seres. Mas por que teria Ele convocado o arcanjo Miguel para discutir esses planos com Ele, e não Lúcifer, “o primeiro dos querubins cobridores, e o mais elevado em poder e glória dentre os habitantes do Céu”? Não fazia sentido, não tinha lógica para a mente racional de Lúcifer, que Deus o tivesse ignorado e passado por cima da sua autoridade, desrespeitando assim a hierarquia celestial que Ele próprio havia estabelecido.

Então Lúcifer, considerando essa atitude da parte de Deus uma “usurpação dos seus direitos”,⁶ encheu-se de ciúme e saiu a disseminar o seu descontentamento por entre os demais habitantes celestiais, procurando demonstrar que Deus não era justo. Os seus argumentos pareceram tão lógicos que ele conseguiu persuadir uma terça parte dos anjos.

O Céu agora estava dividido em anjos leais e anjos rebeldes. Estes últimos estavam dispostos a defender sua posição pela força. Nesse momento dramático, por amor aos anjos leais, Deus revelou um segredo celestial. Essa revelação não estava totalmente de acordo com o plano ideal de Deus. Mas não havia outra alternativa, em face das circunstâncias.⁷

Antes da grande luta, “todos deveriam ter uma apresentação clara a respeito da vontade dAquele cuja sabedoria e bondade eram a fonte de toda a sua alegria. O Rei do Universo convocou os exércitos celestiais perante Ele, para, em Sua presença, apresentar a verdadeira posição de Seu Filho, e mostrar a relação que Este mantinha para com todos os seres criados. O Filho de Deus partilhava do trono do Pai, e a glória do Ser eterno, existente por Si mesmo, rodeava a ambos. Em redor do trono reuniam-se os santos anjos, em uma multidão vasta, inumerável”.⁸

E aqui está o âmagô da questão: os anjos não sabiam que o arcanjo Miguel, que eles tinham na conta de um companheiro, de um anjo como tantos outros, era na verdade o Criador deles, o Filho Unigênito de Deus, a segunda Pessoa da Trindade, o Verbo Divino, através do qual todas as coisas haviam sido criadas. Até aquele momento eles não sabiam que Deus era uma Trindade, e que uma das Pessoas da Trindade, a Segunda, habitava entre eles na forma de um anjo!

Evidências bíblicas

Em Gên. 32:22-32 temos o relato da luta de Jacó junto ao ribeiro de Jaboque. Ele lutou a noite inteira com alguém que lhe pareceu ser um homem. Ao alvorecer, porém, ao ser ferido na coxa, Jacó discerniu o caráter do seu antagonista. “Soube que estivera em conflito com um mensageiro celestial. ... Era Cristo, o ‘Anjo do Concerto’, que Se havia revelado a Jacó.”⁹

Êxodo 23:20: “Eis que Eu envio um Anjo adiante de ti, para que te guarde pelo caminho e te leve ao lugar que tenho preparado.” Comentando este texto, Ellen White diz: “Durante todas as vagueações de Israel, Cristo, na coluna de nuvem e fogo, foi o seu dirigente.”¹⁰

Malaquias 3:1: “Eis que Eu envio o Meu Mensageiro, que preparará o caminho diante de Mim; de repente, virá ao Seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo da aliança, a quem vós desejais.” A palavra anjo significa

“mensageiro”. E Cristo sempre foi o Mensageiro de Deus a Israel.

Judas 9: “Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a proferir juízo infamatório contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda!” Aqui também Ellen White diz: “Moisés passou pela morte, mas Cristo desceu e lhe deu vida antes que seu corpo visse a corrupção. Satanás procurou reter o corpo, pretendendo-o como seu; mas Miguel ressuscitou Moisés e levou-o ao Céu.”¹¹

Apocalipse 12:7: “Houve peleja no Céu. Miguel e os Seus anjos pelejaram contra o dragão.” Em I Tessalonicenses 4:16 temos a declaração de que os mortos ressuscitarão quando ouvirem a “voz do arcanjo”. Em João 5:28 vemos que os mortos ressuscitarão ao ouvirem “a Sua voz”.

O nome Miguel, em hebraico, significa “quem é como Deus?”, e é ao mesmo tempo uma pergunta e um desafio. Considerando que a rebelião de Satanás era, na verdade, uma tentativa de instalar-se no trono de Deus e ser “semelhante ao Altíssimo”, o nome Miguel é muito apropriado para Cristo – o único semelhante ao Altíssimo, e que assumiu a tarefa de vindicar o caráter de Deus, refutar as acusações de Satanás e confrontar a ambição deste de ser igual a Deus.

Jesus, o eterno mediador

Os anjos ficaram assombrados com a revelação de que o arcanjo Miguel era o Filho de Deus e “alegremente reconheceram a supremacia de Cristo, e, prostrando-se diante dEle, extravasaram seu amor e adoração”.¹² Mas o que estava Cristo fazendo entre eles, como anjo? Antes que o Verbo Se manifestasse na carne e habitasse entre os homens, Ele adotou a aparência de anjo e habitou entre os anjos, assumindo pela primeira vez o Seu papel de mediador.

É preciso ter em mente que não só os seres caídos, mas também os não caídos têm necessidade de um mediador entre eles e Deus, pois “há misteriosos abismos a serem atravessados, mesmo onde o pecado não perpetrou a sua obra de ruptura nas mentes criadas! Obviamente, um enorme ato de mediação é necessário, a fim de cobrir as infinitas distâncias que inevitavelmente existem entre o Criador e Suas criaturas”.¹³

Nem todos os seres celestiais contemplan a face de Deus, a não ser, talvez, em ocasiões especiais, como a que já foi

mencionada. Nem todos estão ao redor do trono de Deus. Muitos vivem nos confins do Universo, a milhões de anos-luz de distância, e precisam, portanto, de um mediador, de alguém que represente o Criador, que lhes revele o caráter de Deus e lhes dê a conhecer a Sua vontade. Isso era certamente o que Cristo fazia entre os anjos e outros seres que nunca pecaram, e também o que veio fazer entre nós, através da encarnação.

Mas por que Deus não deixou isto tudo bem claro desde o início? Não teria Deus induzido Lúcifer em erro, ao permitir-lhe pensar que a sua autoridade estava sendo desrespeitada? Não, pois provavelmente este era o teste de lealdade, a que todos os seres celestiais foram submetidos. O princípio celestial é o do altruísmo. Portanto, quando o arcanjo Miguel foi convidado para o conselho divino, Lúcifer devia ter reagido assim: “Que bom que Ele foi honrado, e não eu.” Mas, infelizmente, Lúcifer falhou em seu teste.

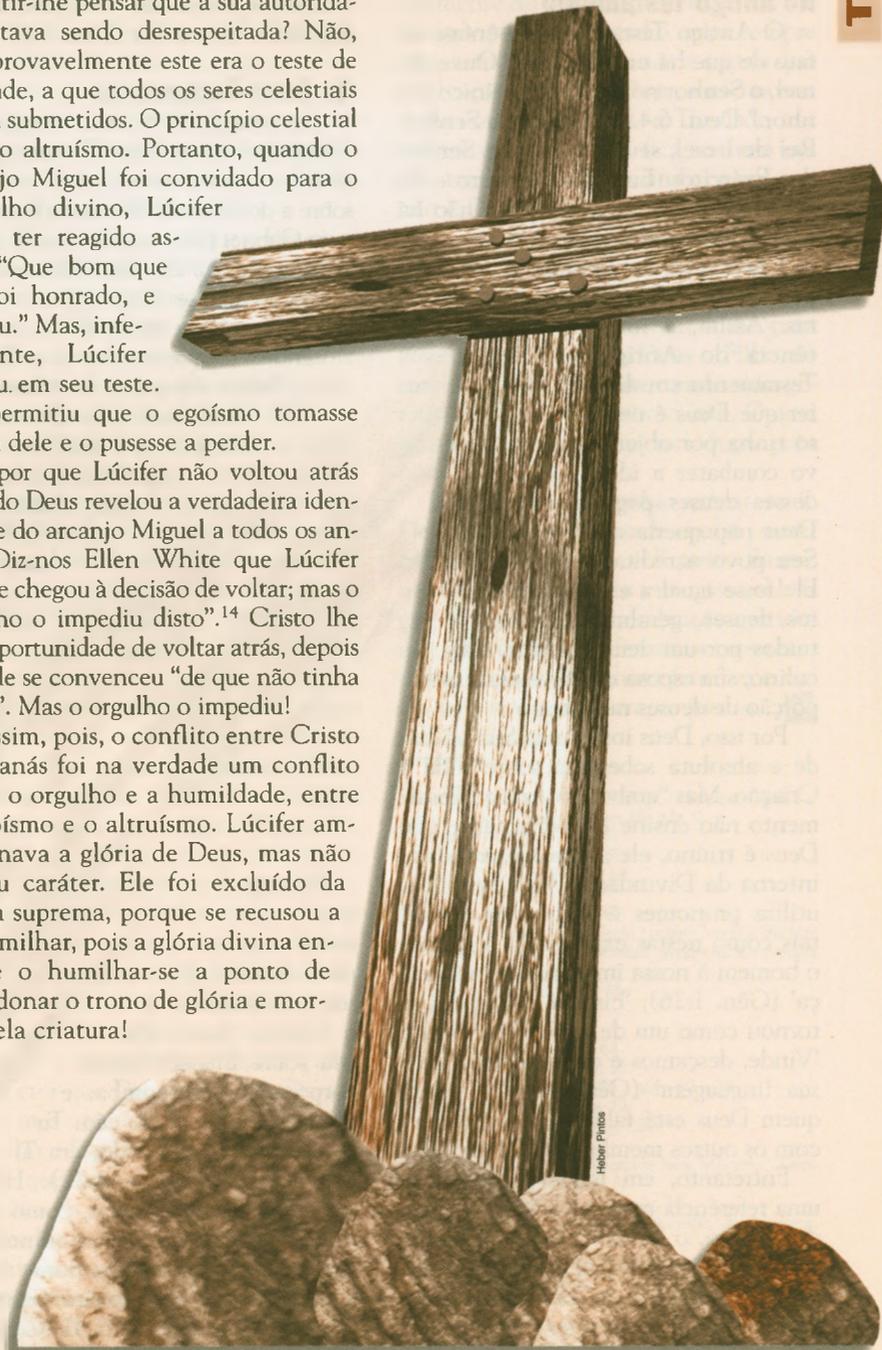
Ele permitiu que o egoísmo tomasse conta dele e o pusesse a perder.

E por que Lúcifer não voltou atrás quando Deus revelou a verdadeira identidade do arcanjo Miguel a todos os anjos? Diz-nos Ellen White que Lúcifer “quase chegou à decisão de voltar; mas o orgulho o impediu disto”.¹⁴ Cristo lhe deu oportunidade de voltar atrás, depois que ele se convenceu “de que não tinha razão”. Mas o orgulho o impediu!

Assim, pois, o conflito entre Cristo e Satanás foi na verdade um conflito entre o orgulho e a humildade, entre o egoísmo e o altruísmo. Lúcifer ambicionava a glória de Deus, mas não o Seu caráter. Ele foi excluído da glória suprema, porque se recusou a se humilhar, pois a glória divina envolve o humilhar-se a ponto de abandonar o trono de glória e morrer pela criatura!

E o Espírito Santo?

Nenhuma menção é feita na Bíblia e nos escritos de Ellen White sobre a obra do Espírito Santo antes da Criação. Ellen White diz apenas que “o Pai, o Filho e o Espírito Santo deram-se a Si mesmos ao estabelecerem o plano da redenção”.¹⁵ Entretanto, como sabemos pela Palavra de Deus que uma de Suas atribuições é “convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (João 16:8), podemos imaginar que durante a rebelião de Lúcifer o Espírito



Heber Pinto

Santo atuou no coração e na mente dos anjos, incluindo o querubim cobridor, procurando convencê-los, “com gemidos inexprimíveis” (Rom. 8:26), de que Lúcifer estava enveredando pelo caminho do pecado e que Deus é justo.

O Espírito de Deus conseguiu convencer dois terços de anjos, mas um terço, infelizmente, não Lhe deu ouvidos. Podemos concluir, portanto, que Lúcifer e seus anjos pecaram contra o Espírito Santo e não puderam mais permanecer na santa atmosfera do Céu.

No Antigo Testamento

O Antigo Testamento dá ênfase ao fato de que há um só Deus: “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.” Deut. 6:4. “Assim diz o Senhor, Rei de Israel, seu Redentor, o Senhor dos Exércitos: Eu sou o primeiro e Eu sou o último, e além de Mim não há Deus.” Isaías 44:6.

Israel estava cercado

por nações politeístas. Assim, a insistência do Antigo Testamento em dizer que Deus é um só tinha por objetivo combater a idéia desses deuses pagãos.

Deus não queria que o Seu povo acreditasse que Ele fosse igual a esses supostos deuses, geralmente constituídos por um deus superior, masculino, sua esposa e filho e mais uma porção de deuses menores.

Por isso, Deus insistiu na Sua unidade e absoluta soberania sobre toda a Criação. Mas “embora o Antigo Testamento não ensine explicitamente que Deus é triúno, ele alude à pluralidade interna da Divindade. Por vezes Deus utiliza pronomes e verbos no plural, tais como nestas expressões: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança’ (Gên. 1:26); ‘Eis que o homem se tornou como um de nós’ (Gên. 3:22); ‘Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem’ (Gên. 11:7)¹⁶.” Com quem Deus está falando? Só pode ser com os outros membros da Divindade.

Entretanto, em Isaías 48:16 temos uma referência mais explícita à Trindade: “Agora, o Senhor Deus [o Pai] Me enviou a Mim [o Filho] e o Seu Espírito [o Espírito Santo]. A Trindade pode ser também inferida em referências separadas, em vários textos e situações. En-

quanto o Pai aparece sentado em Seu trono (Isa. 6:1, Ezeq. 1:26-28, Dan. 7:9-10), Jesus é o que muitas vezes aparece em forma humana. O Senhor apareceu a Abraão, e quando este ergueu os olhos, viu três homens de pé, em frente dele (Gên. 18:1 e 2). Abraão argumentou com Ele (Gên. 18:20-32), e depois, “fez o Senhor chover enxofre e fogo, da parte do Senhor, sobre Sodoma e Gomorra” (Gên. 19:24). Jacó lutou com Ele (Gên. 32:22-30), Josué se encontrou com Ele como “Príncipe do Exército do Senhor” (Jos. 5:13-15) e os três companheiros de Daniel passearam dentro da fornalha de fogo ardente com Ele (Dan. 3:25).

No Novo Testamento

A revelação da verdade é progressiva. Assim sendo, é no Novo Testamento que vamos encontrar as melhores evidências sobre a doutrina da Trindade. Quando o anjo Gabriel foi enviado a Maria, com o anúncio de que ela daria à luz um filho, O qual deveria se chamar Jesus, ele mencionou os três membros da Trindade, dizendo: “Descerá sobre ti o Espírito

Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a Sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus.” Lucas 1:35.

Temos outra evidência notória quando Jesus foi batizado, “e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea como pomba; e ouviu-se uma voz do céu: Tu és o Meu Filho amado, em Ti Me comprazo” (Luc.3:22). Há várias outras referências, como em Mateus 28:19, em que os crentes deveriam ser batizados “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”; a bênção apostólica em II Coríntios 13:13, a saudação de Pedro em sua pri-

meira epístola (1:2), Judas 20 e 21, e vários outros textos.

“Portanto, o Novo Testamento reconhece o Pai como Deus (João 6:27; Efés. 6:23; I Ped. 1:2), a Jesus Cristo como Deus (João 1:1 e 18; 20:28; Rom. 9:5; Col. 2:2 e 9; Tito 2:13; Heb. 1:8; I João 5:20), e ao Espírito Santo como Deus (Atos 5:3 e 4; I Cor. 2:10 e 11; I Cor. 3:16).¹⁷

Certa vez os judeus pegaram em pedras para apedrejar a Jesus porque Ele declarou unidade com Deus (João 10:30-33). Notem que os judeus responderam dizendo: “Não é por obra boa que Te apedrejam, e sim por causa da blasfêmia, pois, sendo Tu homem, Te fazes Deus a Ti mesmo.” Os judeus, portanto, entenderam perfeitamente as palavras de Jesus, e reagiram à sua moda.

Outros textos que provam a Divindade de Jesus no Novo Testamento, são: João 3:13; 5:21 e 26; 8:23 e 58; 10:30 e 33; 17:5; I João 5:20; Rom. 9:5; Heb. 1:8; Tito 1:3; 3:4; Col. 2:9; II Ped. 1:1.

O Espírito Santo – uma Pessoa

O Espírito Santo é mencionado na Criação da Terra, pairando sobre as águas (Gên. 1:2), habitando o coração de José (Gên. 41:38) e Josué (Núm. 27:18) e transformando Saul (I Sam. 10:6). Davi, após o seu pecado, suplicou: “Não... me retireis o Teu Santo Espírito” (Sal. 51:11).¹⁸ A crença de que o Espírito Santo é apenas a “força ativa de Deus” ou uma “influência”, e não uma Pessoa, pode ser reprovada pelas seguintes evidências bíblicas:

Atos 5:3: Ananias e Safira mentiram ao Espírito Santo. Só se pode mentir a um ser inteligente, que pode ser enganado e moralmente iludido. E o verso seguinte deixa claro que o Espírito Santo é Deus.

Atos 13:1 e 2: “Disse o Espírito Santo: Separai-Me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado”.



Heber Pinho

Não costumamos citar palavras de seres impessoais, porque estes não falam. Aqui é o Espírito Santo que chama, o que designa uma Pessoa detentora de personalidade própria.

Enumeramos, a seguir, vinte características e qualidades pessoais do Espírito Santo:

Tem mente e vontade. Rom. 8:27.

- É tratado pelo pronome pessoal (Ele). João 16:14, Efés. 1:14.
- Citado entre outras pessoas. Atos 15:28: "Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós".
- Tem conhecimento. I Cor. 2:11.
- Ensina. Luc. 12:12, João 14:26.
- Convence. João 16:8, Gên. 6:3.
- Impede. Atos 16:6 e 7.
- Concede, permite. Atos 2:4.
- Administra, distribui. I Cor. 12:11.
- Fala. Atos 10:19, 13:2, João 16:13.
- Toma decisões. I Cor. 12:11.
- Guia. João 16:13, Gál. 5:18.
- Anuncia. João 16:14 e 15.
- É entristecido. Efés. 4:30.
- Intercede. Rom. 8:26.
- Chama. Apoc. 22:17.
- Procura. I Cor. 2:10.
- Agrada-Se. Atos 15:28.
- É tentado pelo homem. Atos 5:9.
- Pode ser difamado e blasfemado. Mat. 12:31 e 32.¹⁹

Uma "força" ou "influência" não poderia ter tais características pessoais. Mas os que crêem assim argumentam dizendo: Se o Espírito Santo é uma Pessoa, como é possível que habite dentro de outra pessoa, como nos diz Paulo em I Cor. 6:19?

Ora, ninguém nega que Cristo é uma Pessoa. No entanto, o mesmo apóstolo Paulo diz, em Efésios. 3:17: "E, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé." Se Cristo, sendo uma Pessoa, pode habitar em nosso coração, assim também o Espírito Santo.

No adventismo

"A compreensão da doutrina da Trindade, entre os adventistas do sétimo dia, surgiu após um longo processo de pesquisa, rejeição inicial e posterior aceitação. Os primeiros adventistas não nutriam dúvidas quanto à eternidade de Deus o Pai, à divindade de Jesus como Criador, Redentor e Mediador, e à importância do Espírito Santo. Entretanto, eles não estavam inicialmente convencidos de que Cristo existia desde os tempos da eternidade, ou que o Espírito Santo é um

Ser pessoal, e por isso rejeitaram a princípio o conceito da Trindade. ... Outro argumento contrário era a interpretação errônea de que essa doutrina ensinava a existência de três deuses."²⁰

Foi só em 1898, com a publicação do livro *O Desejado de Todas as Nações*, que os adventistas compreenderam e aceitaram a doutrina da Trindade. Logo no início de seu livro Ellen White abordou o assunto da preexistência de Cristo, dizendo: "Desde os dias da eternidade o Senhor Jesus Cristo era um com o Pai."²¹

Mas esta declaração não foi suficiente para esclarecer o que a Sra. White pensava sobre a divindade de Cristo. Mais adiante, no mesmo livro, ela escreveu uma frase que mudou a teologia antitrinitariana dos adventistas: "Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada."²²

Não houve tempo em que o Pai existisse e o Filho não. Como homem na Terra, Cristo submeteu Sua vontade à vontade do Pai (João 5:19 e 30). Mas como Deus existente por Si mesmo, Ele tinha poder para dar a Sua vida e poder para tornar a tomá-la (João 10:18).

Essas afirmações chocaram a liderança teológica da igreja, na época. M. L. Andreassen, um dos importantes autores e professores da Igreja, disse que o novo conceito era tão diferente dos anteriores, que alguns líderes duvidaram que Ellen White tivesse realmente escrito essas palavras. Em 1902 Andreassen fez uma viagem à residência da Sra. White, na Califórnia, para investigar esse assunto. E verificou que todas as citações sobre as quais pairavam dúvidas, haviam sido realmente escritas pelo próprio punho de Ellen White.²³

Os novos conceitos providenciados pelo livro *O Desejado de Todas as Nações* levaram os adventistas de volta à Bíblia, e através de minuciosa pesquisa, eles descobriram grande quantidade de informações sobre a Trindade que não haviam notado antes.

Graças a isso, nós hoje temos a alegria de crer que Deus não é um Ser solitário, mas uma família, composta por Pai, Filho e Espírito Santo. Uma família feliz, que serve de modelo para todas as famílias na Terra, porque é unida pelos sagrados laços do amor.

Finalmente, poderíamos perguntar: Que importância tem a Trindade para a nossa salvação? Faz alguma diferença se

eu acreditar que apenas o Pai é Deus? Essas perguntas poderiam ser substituídas pela seguinte: É importante ter uma noção correta de Deus? É óbvio que sim. Se você acreditar, por exemplo, que Deus é um tirano, cruel, que deixará os pecadores não arrependidos queimando eternamente no inferno, terá mais dificuldade para amá-Lo, não é verdade?

Assim também, quando você olha para si mesmo, pensa nas suas deficiências, e se sente inseguro quanto à salvação, a aceitação da Trindade, e especialmente do fato de que Jesus é Deus e morreu por nós, expulsa para sempre esses temores. Porque nos assegura que a salvação é obra de Deus, e não nossa.

Em outras palavras, a Trindade nos mostra que Deus não fica sentado em Seu trono enquanto manda outro, que não é Deus, para se humilhar e morrer em favor do homem. Não! O próprio Deus Se fez carne, viveu, morreu, e agora vive novamente. Enquanto Deus o Pai permaneceu em Seu trono para governar o Universo, Deus o Filho assumiu a forma humana, tendo sido gerado por Deus o Espírito Santo, O qual agora está presente em todo lugar para nosso benefício.

Isso faz com que a obra redentora de Deus seja um trabalho de equipe, o trabalho do Pai, Filho e Espírito Santo, unidos e interessados em nossa salvação. E se aceitamos a salvação gratuita que o Deus triúno oferece, somos recebidos nessa maravilhosa família; e um dia estaremos para sempre juntos. 

Referências:

- ¹ Beatrice S. Neall, "The Trinity – Heaven's First Family", *Elder's Digest*, number 10, pág. 9.
- ² *Patriarcas e Profetas*, pág. 51.
- ³ *O Grande Conflito*, pág. 677.
- ⁴ *História da Redenção*, pág. 13.
- ⁵ *Idem*, págs. 13 e 14.
- ⁶ *Patriarcas e Profetas*, pág. 40.
- ⁷ Carsten Johnssen. *How Could Lucifer Conceive the Idea of a Rivalry With Jesus Christ?* Andrews University (sem data), pág. 22.
- ⁸ *Patriarcas e Profetas*, pág. 36.
- ⁹ *Idem*, pág. 197.
- ¹⁰ *Idem*, pág. 311.
- ¹¹ *Primeiros Escritos*, pág. 164.
- ¹² *Patriarcas e Profetas*, pág. 36.
- ¹³ Carsten Johnssen, *Op. Cit.*, págs. 19 e 20.
- ¹⁴ *Patriarcas e Profetas*, pág. 39.
- ¹⁵ *Conselhos Sobre Saúde*, pág. 222.
- ¹⁶ *Nisto Cremos*, pág. 41.
- ¹⁷ Alberto R. Timm, "A Trindade Sem Mistério", *Decisão*, agosto de 1985, pág. 24.
- ¹⁸ Beatrice S. Neall, *Op. Cit.*, pág. 10.
- ¹⁹ Arnaldo B. Christianini, *Radiografia do Jeovismo*, págs. 84 e 85.
- ²⁰ Jerry Moon, "Heresy or Hopeful Sign?", *Adventist Review*, 22/04/99, pág. 9.
- ²¹ *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 19.
- ²² *Idem*, pág. 530.
- ²³ Jerry Moon, *Op. Cit.*, pág. 11.

O SACERDÓCIO DOS CRENTES



JUAN MILLANA O RREGO

Reitor da Universidade Adventista do Chile

O ensinamento bíblico do sacerdócio de todos os crentes poderia favorecer a integração das forças ministeriais e leigas em torno da missão de pregar o evangelho. Essa doutrina, “ensinamento bíblico firmemente estabelecido”,¹ não somente expõe a natureza da Igreja mas também nos desafia no sentido de como cumprir a missão. A natureza da Igreja, de acordo com I Pedro 2:1-10, somente pode ser entendida mediante uma interpretação cristocêntrica e mediante as seis metáforas escritas pelo apóstolo.

A visão inspirada que Pedro tem da Igreja é cristocêntrica. Para ele, tudo o que σ povo de Deus é ou pode chegar a ser e realizar, está centralizado na pessoa e na suficiência de Cristo. Qualquer que seja a forma de apresentar a Escritura, tanto do Antigo Testamento como os conceitos baseados nos evangelhos, Pedro a torna cristã e amiúde sua interpretação é cristológica. Que evidências temos disso? Em primeiro lugar, mesmo quando Pedro está estabelecendo a identidade do povo de Deus (I Ped. 2:9) essa identidade nunca é confundida com a de Cristo. Enquanto os crentes são “pedras que vi-

No cumprimento da missão, não se pode apenas planejar e experimentar a alegria da produção. Também se deve cuidar do que diz respeito à reprodução

vem” (2:5), Cristo é a “pedra que vive” (2:4), destacando-se o uso do plural e do singular respectivamente. Também se observa uma diferenciação no uso de “pedra ... eleita” para Cristo (2:4) e o uso de “eleitos” (1:2) para os cristãos.

Em segundo lugar, os cristãos são chamados a desejar Cristo (2:2) e a se aproximar dEle (2:4). Isso é desejável porque Cristo é o servo de Deus sem pecado (I Ped. 2:22-25; Isa. 53) e porque Ele é a rocha (2:4-8). Essas passagens baseadas no Antigo Testamento estão unidas por um conjunto de idéias associadas com episódios da experiência de Jesus, muitos dos quais Pedro testemunhou: a rejeição pelos líderes judeus, porque Ele não se ajustava às suas expectativas do Messias, a morte e a ressurreição. Aqui a imagem da rocha é apropriada, porque Jesus falou a respeito de ser morto e ressuscitar (Mat. 16:21), e fez uma associação do templo com o Seu corpo (João 2:19-22). Essas passagens também parecem estabelecer a relação das palavras “edificarei a Minha igreja” com as expressões citadas contra Ele no julgamento quanto a destruir e reedificar o templo (Mat. 26:61).

A partir da visão de Pedro, pode-se afirmar que a Igreja não está no mundo testemunhando de Cristo, mas que está em Cristo testemunhando ao mundo.

A doutrina do sacerdócio de todos os crentes deve ser vista nessa perspectiva cristológica. Portanto, é evidente que essa doutrina encontra suas raízes na pessoa e no ministério de Jesus. Esse fator lhe outorga permanência no tempo. Para ter essa conotação, toda doutrina deve estar “baseada sobre um reconhecido fator permanente... por exemplo, ... o sacerdócio de todos os crentes está baseado sobre o fato de que nosso grande Sumo Sacerdote é um por todos ... Heb. 4:4-16”.² Em outras palavras, essa doutrina, com sua esteira de bênçãos e responsabilidades, está conectada ao passado com a cruz e está vigente hoje para os cristãos do século 21, porque “está intrinsecamente relacionada com o supremo sacerdócio de Cristo”.³

Seis metáforas

A partir de uma visão cristocêntrica, Pedro nos conduz para a natureza da Igreja, mediante o uso de seis metáforas.⁴ De acordo com I Ped. 2:5-10, essas metáforas são as seguintes:

“Pedras que vivem” (I Ped. 2:5)

“Casa espiritual” (I Ped. 2:5)

“Sacerdócio real” (I Ped. 2:9)

“Raça eleita” (I Ped. 2:9)

“Nação santa” (I Ped. 2:9)

“Propriedade exclusiva de Deus” (I Ped. 2:9)



M
S
S
À
O

Foto: William de Moraes

Que lições podemos obter dessas expressões? O que existe em comum entre elas? As metáforas de Pedro parecem posicionar Cristo como o eixo central de cada uma delas. Todas assinalam Cristo em primeiro lugar e a Igreja em segundo. A ênfase de Pedro está em Cristo e Sua ligação com o povo. As metáforas verdadeiramente descrevem o povo de Deus e seu status, apenas quando ele está incorporado a Cristo. Essas coisas não são próprias da natureza do povo; são verdade somente num sentido derivativo e em forma coletiva. Os crentes são membros do corpo de Cristo; não o corpo de Cristo. Pedro nos lembra que somos sacerdotes só como membros do companheirismo cristão, ou seja, de algo maior que um

indivíduo. Sob esta luz, o povo de Deus, como um todo, pode compreender melhor a natureza de sua unidade – “em Cristo” – e, conseqüentemente, executar melhor seus privilégios e responsabilidades.

Outros ensinamentos derivados das metáforas de Pedro são os seguintes: Em primeiro lugar, com base no ponto de vista de estar “em Cristo”, existe tanto uma responsabilidade individual para cumprir a missão, com uma expressão global do testemunho da Igreja. Em segundo lugar, nessa imagem coletiva da Igreja, encontram-se idéias tais como incorporação, unidade, diversidade, plenitude, pertinência, autoridade, etc. Existe também uma idéia de unidade com o Senhor e de uns com os

outros. Essa unidade é de caráter sobrenatural, fruto da obra do Espírito Santo. Finalmente, no povo de Deus todos são clérigos, no sentido de que são designados para servir e dignificados como a herança divina. Mas também são leigos, no sentido de ter a identidade baseada no povo de Deus.

Agora, de especial relevância, para os adventistas do sétimo dia, é o fato de que a doutrina do sacerdócio de todos os crentes encontra suas raízes no Antigo Testamento, e a interpretação de Pedro a respeito de tais passagens, no Novo Testamento, lhe outorga continuidade. Intimamente ligado a isso, o sacerdócio de todos os crentes encontra permanência no ministério atual de Cristo como Sumo sacerdote.

Desafio

Desde 1972 até o ano 2000, somente cinco autores adventistas publicaram algo sobre a doutrina do sacerdócio de todos os crentes.⁵ Um resumo dessa escassa mas significativa produção literária poderia ser o seguinte:

1) Nenhum autor nega a validade bíblica da doutrina.

2) Faz-se realmente um esforço sério para entender melhor a função dos leigos na Igreja.

3) Há um reconhecimento de que as funções sacerdotais são a pregação da Palavra, o culto e a adoração.

4) Observa-se uma interpretação corporativa da doutrina do sacerdócio de todos os crentes.

Contudo, é evidente que alguns dos autores somente citam ou fazem referência à mencionada doutrina, mas não a elaboram nem a recomendam explicitamente. Parece oportuno, a esta altura, perguntarmos-nos se a doutrina do sacerdócio de todos os crentes não tem sido totalmente perdida, ou não tem sido totalmente recebida. Esse vazio, em termos de consistência e coerência entre teoria e prática teológica, parece favorecer o fato de que a referida doutrina é interpretada à luz dos assuntos do dia, e não à luz do legado integral do apóstolo Pedro. Conseqüentemente, quando a preocupação é a evangelização, então a doutrina do sacerdócio de todos os crentes é citada para apoiar o crescimento quantitativo.

Hoje em dia, em matéria de reprodução humana, a tendência é conseguir-la fora do corpo. Na área da evangelização, também é possível conseguir-se resultados trabalhando fora do corpo de Cristo. No entanto, parece que a evangelização a partir de dentro do corpo, com o envolvimento de todos os sacerdotes, parece resultar em conquistas mais estáveis. No cumprimento da missão, não se pode apenas planejar e experimentar a alegria da produção (pessoas batizadas); também se deve cuidar do que diz respeito à reprodução (ovelhas sãs produzindo outras ovelhas). A Igreja Adventista, à luz da grande comissão de Mateus 28, espera batizar muitas pessoas, e se isso for feito com a perspectiva de que em cada batismo está nascendo um sacerdote, será ainda melhor. Não se nasce sacerdote. O crente se torna um sacerdote, através do batismo.

Sendo o sacerdócio de todos os crentes uma verdade bíblica espiritual, uma atitude pragmática e apologética dentro do ministério, não deixa de cobrar um elevado preço, mais cedo do que tarde. O apóstolo Pedro parece desafiar a Igreja a avaliar não só a eclesiolgia com respeito a essa doutrina, mas também o relacionamento entre pastores e leigos. Promover ou declarar a importância estratégica dos leigos, deixando os pastores com inquietações relacionadas à sua função é algo que também merece ser avaliado.

Por outro lado, a Bíblia informa que Moisés não se sentiu ameaçado por compartilhar a liderança com outros. Seu problema real foi que estava no limite do colapso físico e psíquico por não fazê-lo (Êxo. 32:15-20). Aparente-

A evangelização feita com o envolvimento de todos os sacerdotes resulta em conquistas mais estáveis.

mente sua "ordenação ao ministério" estava em função de chegar a ser um líder coletivo, dentro do corpo de Cristo.

Da perspectiva de Ellen White, ao escrever baseada em I Ped. 2:1-10, ela descreve as características espirituais e ativas do sacerdócio de Deus. Seus desafios abrangem os ministros e o povo de Deus em geral.

Doutrina importante

O ensinamento do sacerdócio de todos os crentes, dentro de um espírito de oração, tem o potencial de unir a todo o povo de Deus, pastores e leigos, em torno da missão. Tanto a reflexão como a ação devem ser feitas com espírito de oração. A unidade entre ministros e leigos encontra sua causa e conseqüência

na oração. Isso está no coração da própria doutrina e deve receber a devida importância. É a oração o que dá sentido e significado a esse ensinamento. Quando o espírito de oração toma conta da igreja, todo sentimento de competição, divisão e supremacia desaparece. A oração é causa e conseqüência.

Deve-se dar a devida importância a essa doutrina. Se o assunto da justificação teve conseqüências importantes para a doutrina de Deus e do homem no protestantismo, o tema do sacerdócio de todos os crentes foi pelo menos de importância igual para qualquer declaração do significado da Igreja e especialmente da relação entre ministros e leigos.

As doutrinas são mais importantes do que imaginamos. Para a Igreja, elas são essencialmente o que a coluna é para o corpo. Outorgam unidade e estabilidade; provêm respaldo, capacitando-nos para suportar a oposição e a perseguição. A Igreja que descuida o ensinamento de suas doutrinas debilita seus membros, trabalha contra sua unidade, diminui a convicção entre o povo e compromete seu progresso futuro. É impossível exagerar a importância da doutrina do sacerdócio de todos os crentes. Essa verdade necessita ser articulada, pregada e encarnada na vida da Igreja. 

Referências:

- ¹ George Reid, *Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da IASD*, monografia intitulada "Toward an Adventist Theology of Worship".
- ² Millard J. Erickson, *Christian Theology* (Grand Rapids: Baker Book House, 1990), pág. 122. Intimamente relacionado com o expresso por Erickson, U. Holmes disse que "Cristo não é sacerdote por herança, muito menos por solicitar esse trabalho", acrescentando que "a autoridade de um sacerdote está relacionada... ao sacerdócio de Cristo". Um estudo mais detalhado sobre as opiniões de Holmes encontra-se em *The Priest in Community* (New York: The Seabury Press, 1978), pág. 155.
- ³ Cyril Eastwood, *The Priesthood of all Believers* (Minneapolis: Augsburg Press, 1962), pág. 238, citado por Oscar Feucht, *Everyone a Minister* (St. Louis: Concordia, 1974), pág. 45.
- ³ Do ponto de vista literário moderno, uma metáfora desperta consciência de similitudes, comparações e interações, expressando-nos o que não se pode expressar. Dizem em forma compacta e vívida o que a linguagem literal tomaria vários parágrafos para expressar. Uma metáfora implica a idéia de comparação de duas entidades, junto com a fusão de ambas para formar uma nova entidade a partir das características das duas. O mais importante de uma metáfora é que pode ser usada para formar as realidades do povo. A metáfora de Paulo, "corpo de Cristo", por exemplo, é mais que uma descrição; forma um grupo de pessoas unidas com um propósito em comum.
- ⁴ Gootfried Oosterwal, *Mission: Possível* (Nashville: Southern Publishing Association, 1972); Kim Johnson, *Ministry*, fevereiro de 1983, págs. 14-16; Rex D. Edwards, *Ministry*, novembro de 1989, págs. 4-7; Alberto R. Timm, *Theologika* (Naña, Lima: Faculdade de Teologia da Universidade União Peruana, 1995), págs. 2-47; Carlos Martin, *Lição da Escola Sabatina* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, terceiro trimestre de 2000), págs. 28 e 29.

RELEMBRANDO A PÁSCOA



JOSÉ CÂNDIDO BESSA FILHO

Pastor jubilado, reside em Valparaiso, GO

A Páscoa tem uma história profética e comemorativa. Foi a maior e mais concorrida liturgia em Israel. No início, lá no Éden, o ato de sacrificar um cordeiro apontava em algum momento no futuro a vinda do Messias, o Emanuel, o Cordeiro de Deus. Após deixar o Éden, o casal arrependido continuou oferecendo e sacrificando o cordeiro. O agnizar do animal sem mancha e sem defeito, o derramar do sangue, produzia profundos sentimentos na família de Adão, sendo que Abel era o que mais absorvia o significado. Abel construiu um altar. Com devotada contrição e alegria espiritual, oferecia com frequência um cordeiro, símbolo do esperado Salvador. Tal prática e a correspondente aceitação da parte do Senhor fizeram do justo Abel, cujas obras eram boas, o primeiro mártir da História.

Logo após a tragédia universal do Dilúvio, Noé e sua família, reunidos em torno de um altar, expressaram sua fé de que, se vivos estavam, deviam essa proteção a Deus. E ali, na desolada e despoitada Terra, sacrificaram e adoraram.

Abraão, o missionário ambulante, armava a tenda, construía um altar e ado-

O Cordeiro deve fazer parte do nosso ser, da nossa vida. Não somos de nós mesmos. Tudo o que temos e somos é do Cordeiro de Deus

rava, sacrificando um cordeiro. Aproximadamente mil pessoas que formavam a comunidade a serviço do rico patriarca tornaram-se adoradoras. Cristo era levantado e multidões O adoravam. A fé na vinda do Messias levou Abraão a sentir o que o Senhor sentiria no futuro, ao atender-Lhe o pedido: "Dá-me teu filho, o único, sacrifica-o." O Céu não somente aplaudiu, como também entendeu pela primeira vez quanto custaria ao Pai salvar este planeta.

No Egito

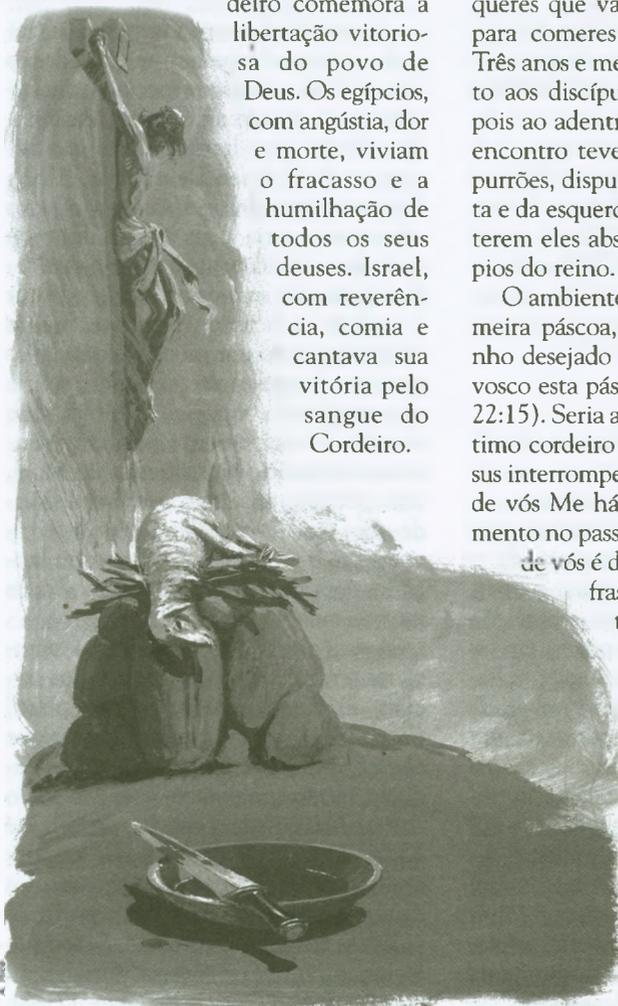
A palavra páscoa é mencionada 77 vezes na Bíblia. O contexto em que foi instituída foi dos mais turbulentos. A partir de sua instituição cumpria duas finalidades: continuar anunciando a vinda do Messias e comemorar a libertação do povo de Deus da escravidão egípcia. Depois de nove pragas enviadas com o objetivo de impressionar Faraó a deixar o povo ir, restava ainda mais uma praga. Havia, portanto, um estado de excitação, angústia, dor e sofrimento. Cada uma das pragas anteriores deixara terríveis consequências. O que viria agora? As forças militares foram postas em estado de alerta máximo; a guarda palaciana foi reforçada. Moisés e Arão foram proibidos de voltar ao palácio. Os egípcios estavam no limite da tolerância, no ponto do desespero.

A insatisfação com a presença ameaçadora de Israel espalhou-se em todos os níveis. Uma comissão especial pediu audiência ao endurecido Faraó, dizendo-lhe: "Deixa ir os homens, para que sirvam ao Senhor seu Deus" (Êxo. 10:7). Enquanto isso, Moisés instruíu o povo sobre como seria a sua última noite na terra da escravidão: até à meia-noite, todos dentro de suas casas; deviam matar o cordeiro, aplicar sangue nas ombreiras das portas; apertar mochilas, sandálias nos pés. À meia-noite, o Senhor feriria os primogênitos egípcios. A situação se invertia. Os egípcios que pela força tentavam impedir o crescimento de Israel, não podiam imaginar perderem mão-de-obra tão barata. Agora, eles "apertavam com o povo, apressando-se em lançá-los fora da terra, pois diziam: Todos morreremos" (Êxo. 12:33).

A esta altura, "Moisés era mui famoso na terra do Egito, aos olhos dos oficiais de Faraó e aos olhos do povo" (Êxo. 11:3). É importante lembrar que ele foi um dos homens mais cultos daquela nação, preparado para ocupar o trono. De acordo com Êxodo 11:2 e 12:35, Deus o orientou a que pedisse uma indenização pelos quatro séculos de serviço prestado. Haviam construído cidades, estradas, pontes, viadutos, palácios, pirâmides e outras obras. E os egípcios foram despojados (Êxo. 12:36).

Aproximava-se a última noite. Um misto de temor e alegria expectante formava o contexto da instituição da páscoa. Parecia ser a mais escura de todas as noites e também a mais silenciosa. Ouvia-se o bater em muitas portas dos filhos de Deus. Eram famílias egípcias buscando ajuda e proteção na fortaleza da fé dos israelitas. O tempo corria, os ponteiros quase sobrepunham-se um ao outro, indicando a hora da libertação. O silêncio então deu lugar a gritos desesperados, ouvidos de longe e de perto. Havia grande clamor na terra do Egito; não havia uma casa onde não houvesse um morto. Em cada lar, do mais humilde ao mais abastado, mesmo no palácio real, o quadro era o mesmo.

Em poucos dias, os egípcios sofreram mais que Israel em seus 400 anos de severa e desumana escravidão. Comido o cordeiro, tocada a trombeta, chegara a hora da libertação e da vitória. A primeira páscoa estava instituída. Agora, além de anunciar a futura vinda do Messias, a liturgia da imolação do cordeiro comemora a libertação vitoriosa do povo de Deus. Os egípcios, com angústia, dor e morte, viviam o fracasso e a humilhação de todos os seus deuses. Israel, com reverência, comia e cantava sua vitória pelo sangue do Cordeiro.



Em Jerusalém

Celeremente o tempo passou e o Messias, anunciado em cada celebração pascal, finalmente chegou. Aos doze anos, Ele foi a Jerusalém e assistiu à cerimônia da imolação do inocente cordeiro. Identificou-Se profundamente, sentindo-Se parte daquele cerimonial. Como um adolescente educado a respeitar e reverenciar os ritos, não gostou do que acontecia no pátio. Improvisados currais, muitas gaiolas, mesas onde atuavam os cambistas, gritaria dos vendedores anunciando os melhores preços, os maiores descontos. Disputava-se em um corpo-a-corpo a atenção dos adoradores. Havia uma atividade como se fora bolsa de valores ou feira de importados.

Aos doze anos, Jesus decidiu que um dia a casa de Seu Pai voltaria a ser uma respeitável casa de oração para todos os povos. E o fez por duas vezes.

Os poucos anos após o início do Seu ministério passaram rapidamente. E um dia os discípulos perguntaram: “Onde queres que vamos fazer os preparativos para comeres a páscoa?” (Mar. 14:12). Três anos e meio de ensino e treinamento aos discípulos pareciam infrutíferos, pois ao adentrarem ao cenáculo onde o encontro teve lugar, o fizeram aos empurrões, disputando as cadeiras da direita e da esquerda. O lava-pés revelou não terem eles absorvido muitos dos princípios do reino. Não havia servos.

O ambiente era pesado. Como na primeira páscoa, havia perturbações. “Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta páscoa”, disse o Mestre (Luc. 22:15). Seria a páscoa da transição. O último cordeiro seria morto e comido. Jesus interrompe um pouco e declara: “Um de vós Me há de trair.” Em algum momento no passado, Ele sentenciara: “Um de vós é diabo” (João 6:70). As duas

frases produziram um impacto atarrador. “Porventura sou eu, senhor?”, indagaram. A instituição da primeira páscoa foi antecipada por destruição, miséria, desespero, dor, angústia, culminando com o comer do cordeiro e o vitorioso livramento. Ao final da última páscoa, seguiram-se cenas não menos traumáticas do que as tidas no Egito.

Em um período de 24 horas após a última páscoa, Jesus passou por uma angústia mortal regada a sangue e suor. A traição foi confirmada. Em poucas horas, o verdadeiro Cordeiro foi levado a três tribunais: o Sinédrio judaico, Pilatos, Herodes, e outra vez Pilatos. Do pretório foi para a cruz. Agonizou, vertendo até a última gota de sangue. Houve escuridão, relâmpagos, o rasgar das cortinas do santuário, a fuga do cordeiro no sacrifício da tarde. As palavras da cruz terminaram com o grito de vitória. Todos podem ser perdoados. O Cristo vivo passou a ser nossa páscoa. Nenhuma condenação para quem aceita Seu convite: “Vinde a Mim. Não vos lançarei fora.” Ele é nossa páscoa.

Não é preciso esperar por uma data no calendário. Todos os dias, todos os momentos, como diz Paulo, “Cristo vive em mim”. O Cordeiro deve fazer parte do nosso ser, da nossa vida. “Vivo não mais eu; Cristo vive em mim”. O Cordeiro deve estar encarnado em nosso ser. Não somos de nós mesmos. Nenhum milímetro de nosso ser pertence a mais ninguém. Tudo o que temos e somos é do Cordeiro de Deus.

No futuro

“A Santa Ceia aponta à segunda vinda de Cristo. Foi destinada a conservar viva essa esperança na mente dos discípulos. ... ‘E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide até aquele dia em que o beba de novo convosco no reino de Meu Pai.’” – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 659.

Os últimos acontecimentos serão rápidos; logo estaremos no reino. Ele será nosso anfitrião e guia. “Logo Lhe ouvimos de novo a delicada voz, dizendo: ‘Vinde, povo Meu; viestes da grande tribulação, e fizestes Minha vontade; sofrestes por Mim; vinde à ceia, pois Eu Me cingirei e vos servirei’. Nós exclamamos: Aleluia! Glória! e entramos na cidade. E vi uma mesa de pura prata; tinha muitos quilômetros de comprimento, contudo nossos olhares podiam alcançá-la toda. Vi o fruto da árvore da vida, o maná, amêndoas, figos, romãs, uvas e muitas outras espécies de frutas.” – *Vida e Ensinos*, pág. 64.

Tudo é nosso, daquele momento e por toda a eternidade. Tudo será alegria, tudo será glória. Aleluia! Ora, vem, Senhor Jesus!

AS ARMADILHAS DO SUCESSO



ARCHIBALD D. HART

*Ph.D., professor de Psicologia
no Seminário Teológico Fuller, Pasadena,
Califórnia, Estados Unidos*

Todos nós queremos ter êxito em nossos empreendimentos. Todo paciente com quem eu tenho trabalhado, todo amigo que conheço, todo colega com quem me tenho associado deseja ter sucesso. Pastores profundamente espirituais querem experimentar o sucesso. Eles querem sentir que as horas investidas na pregação e no trabalho pastoral resultarão em abundantes recompensas para o reino de Deus.

Ninguém quer sentir que sua vida tem sido um desperdício. Mas a questão é: Como deveríamos agir em nossa perseguição do sucesso? Quando nossa necessidade de sucesso opera contra os propósitos de Deus? Qual a diferença entre meus motivos na busca de conquistas e o efetivo desejo de Deus para mim, no cumprimento dos Seus propósitos?

Vamos enfrentar francamente a questão. O sucesso não é tudo o que é considerado ser. Em alguns casos, ele pode ser extremamente arriscado, como veremos. Em outros, ele é ilusório. E ainda existe o risco de que você pode construir uma gigantesca catedral ou cumprir uma grande missão, mas perder

Deus está mais interessado no que nós estamos nos tornando do que no que nós estamos conquistando para Ele

sua família no processo. É isso o que Deus deseja em nossa busca do sucesso?

Mensurabilidade

Quando examinamos nossa preocupação em ser pessoas de êxito, duas questões emergem, e ambas me incomodam. A primeira delas é: Quando é que alguém conquista o sucesso, em conformidade com os planos e propósitos de Deus? Segunda questão: O que é sucesso realmente? Ter uma igreja com cem membros? Pastorear uma congregação de mil membros? Alcançar alvos propostos?

Vamos começar pela segunda questão. Se você perguntasse a um grupo médio de pastores, sobre o que significa sucesso para eles, seguramente obteria uma grande variedade de respostas. Não existe concordância universal sobre o que significa ser uma pessoa de êxito, quer se trate de um homem de negócios, um advogado, professor ou pastor.

Meu irmão mais moço deixou a escola cedo e se lançou ao mundo dos negócios. Nós tínhamos uma saudável competição pelo crescimento e, em nossa vida adulta precoce, brincávamos sobre quem faria sucesso mais cedo. Um dia, pedi-lhe que definisse o que significava sucesso para ele, ao que me respondeu: "Ser um milionário antes dos 45 anos." Eu insisti, indagando-lhe se isso o tornaria realmente feliz. "Sim, tornaria", ele respondeu. Lembro-me perfeitamente o dia em que ele completou 45 anos. Falei-lhe então sobre o que ele dissera tempos

atrás, e perguntei se ele agora sentia ter alcançado o seu alvo de sucesso. Ele respondeu: "Não. Eu não estarei feliz até que conquiste o segundo milhão."

Este é o problema com o sucesso: é um termo relativo. Pode ser como uma miragem que some quanto mais perto você se aproxima dela. E isso é tão verdade em relação ao trabalho pastoral como é para qualquer outro empreendimento.

Evangelho do sucesso

Agora vamos considerar a primeira questão. O que significa ser uma pessoa de sucesso, em termos do reino? A maioria dos evangélicos que eu conheço é orientada para o sucesso. Seus motivos nessa busca são geralmente bons. Eles dizem querer conquistar o máximo que puderem para ajudar a promover o reino de Deus. Se eles são empresários e lutam pelo sucesso, é porque desejam melhor ajudar os negócios do reino.

Devo confessar que sinto dessa maneira, em relação a um pouco do que faço. Entretanto, quando escrevo um livro, não o faço sem pensar se as pessoas vão comprá-lo ou não. Obviamente, quero vendê-lo, e isso me leva a fazer o melhor trabalho que posso. Mas é essa toda motivação que tenho? Não. Mas eu seria ingênuo se negasse qualquer interesse nos benefícios financeiros de ser um autor. Afinal, isso é uma parte do que faço para viver.

Isso, então, nos dirige para a muitíssimo importante questão do motivo em determinar se Deus abençoa nossa cor-

rida pelo sucesso. Se eu sinto, e espero que o faça, que o que tenho a oferecer em meus escritos pode ajudar outras pessoas, então minha perseguição do sucesso é saudável. Se meu único motivo é construir a minha fortuna, meu ego ou reparar minha auto-estima despedaçada, meu "evangelho de sucesso" tem séria necessidade de ser reavaliado.

Em uma recente apresentação do programa televisivo norte-americano *60 minutos*, o apresentador Morley Safer examinou o fenômeno dos seminários motivacionais que podem ser encontrados em toda parte. Notando como somos obcecados por crescimento pessoal, que é outra forma de buscar como podemos alcançar mais sucesso que as outras pessoas, os palestrantes desses seminários cruzam países, divulgando sua própria fórmula de sucesso. Empresários e industriais enviam empregados para assistir a tais seminários, a fim de aprenderem como ter mais sucesso em suas respectivas áreas de ação.

Nos Estados Unidos, qualquer um do circuito desses seminários, caso tenha um mínimo de fama, pode cobrar cachês entre 20 mil dólares, no caso de ex-atletas, e 200 mil dólares, se for um ex-presidente, para uma boa conferência. Morley entrevistou alguns desses muito bem pagos oradores motivacionais, e todos eles admitiram que os conselhos que dão às suas enormes audiências são muito simples, fundamentados no senso comum. Não há segredo para o sucesso. Gostem ou não as pessoas, o sucesso tem apenas um ingrediente essencial: trabalho duro. Infelizmente isso está além do preço que muitos estão dispostos a pagar.

Três tipos

Mas a motivação é apenas uma peça do quebra-cabeça. O mundo cristão também tem suas estrelas, indivíduos que saem das cinzas e se tornam idealizados e idolatrados como pessoas de êxito. Músicos, pregadores e evangelistas, apenas para mencionar uns poucos, são louvados por nós da mesma forma como o mundo secular exalta os astros e estrelas do cinema e certos homens de negócios. Junto com o estabelecimento da motivação, você precisa corrigir sua compreensão de sucesso. À medida que penso sobre esse tema, creio que existem três tipos de sucesso:

Primeiramente, creio que há o sucesso conquistado através da boa coincidência. Você está no lugar certo, no tempo certo, com a idéia certa, e, bin-

go! Você se torna uma pessoa de êxito. Pode ser a chance de fazer um pequeno livro sobre uma oração da Bíblia, ou algum outro truque que atrai as pessoas. Esse tipo de sucesso é fruto de uma afortunada coincidência de circunstâncias. É raro e quase sempre imprevisível.

O segundo tipo é aquele construído sobre meros e extraordinários esforços humanos. Esse é o tipo de sucesso ao qual já me referi quando mencionei que os palestrantes de auto-ajuda dizem que não existe segredo para o sucesso, exceto três ingredientes: trabalho duro, trabalho duro, trabalho duro. Essa forma de sucesso é acessível a todos aqueles que trabalham duro. Se sua atitude é correta e você trabalha duro, é quase certo que você conseguirá algum sucesso, não importa o que faça.

Muitas igrejas grandes e conquistas missionárias são construídas desta maneira: através de habilidades e esforços humanos, embora os líderes não gos-

tem de pensar que esse é o caso. Não estou sugerindo que há algo errado com isso, mas seja muito cuidadoso em não atribuir à bênção de Deus todo relato de sucesso. Nem toda coisa grande é necessariamente dirigida por Deus. Ou, dizendo de outra maneira, nem todo mundo que tem conseguido sucesso, mesmo no ministério cristão, tem feito isso com o poder e a bênção de Deus. O reino pode ser beneficiado de alguma forma, mas nem sempre Deus aprova os meios e a motivação da conquista.

Finalmente, o terceiro tipo de sucesso é aquele que é direcionado por Deus. Ele tem pouco a ver com nossos poderes superiores, nossa personalidade ou nosso intelecto. Deus dá o crescimento e tudo o que você pode fazer é surpreender-se de que Ele escolheu usá-lo como Seu instrumento. Esse sucesso vem não por causa de suor ou sangue humanos, mas devido a que a motivação e paixão do servo de Deus soaram em tal conso-



nância com Seu coração que foram abençoadas pelo Espírito Santo.

Não quero parecer cínico aqui, mas nem toda história de sucesso pode ser incluída nessa terceira categoria. Quando pastores caem do seu pedestal, depois de haverem perpetrado e executado secretamente o mal, durante anos, embora fossem considerados pastores de êxito, torna-se muito óbvio que suas conquistas não foram alcançadas através do poder de Deus, mas, provavelmente, por causa do carisma e dos esforços humanos.

Os riscos

Isso então nos remete à questão inicial, a respeito de quão perigoso o sucesso pode ser. Steven Berglas, psicólogo da Escola de Medicina da Universidade de Harvard, fez uma pesquisa sobre o assunto e advertiu sobre os perigos do sucesso. Em uma entrevista concedida a Richard Behar, para a revista *Time* (04/11/91), ele adverte que, justamente quando certas pessoas parecem ter conseguido tudo o que queriam, seu reino pode falir. Elas são, segundo Berglas, vítimas de uma síndrome a qual nem a maior conta bancária pode curar.

Indivíduos que experimentam muito sucesso correm, segundo Behar, quatro riscos: o primeiro é o da arrogância. “Eu tenho mais sucesso que você, de modo que você não tem nada a me ensinar”, dizem. Essa atitude os transfere para o segundo risco, ou seja, a solidão. Distanciam-se dos velhos amigos e sistemas de apoio. Do apego às coisas, mudam para o próximo risco, que é a necessidade de persistente aventura, num círculo vicioso, porque sempre estão iniciando novas aventuras. As conquistas antigas tornam-se monótonas e enfadonhas. Por fim, há o risco de adultério. Nenhuma outra gratificação é mais prazerosa.

Embora Behar esteja falando sobre o mundo secular, a preocupação é precisamente a mesma para os líderes de grande sucesso em nosso mundo cristão, que acabam caindo de seus respectivos pedestais. Não penso que seja necessário citar qualquer exemplo, pois todos conhecemos muitos deles. No entanto, sou levado a sugerir esta advertência: Seja cuidadoso em relação aos seus motivos e vulnerabilidades, antes de pedir ajuda a Deus para ser uma pessoa de grande êxito. Você pode não ser feito de um material que sobreviva a tormentas.

Êxito orquestrado

Pode alguém intencionalmente determinar a conquista do sucesso no reino de Deus? Pode alguém motivar-se tanto de modo a garantir que Deus lhe dará o sucesso? Eu tenho sérias dúvidas quanto a isso. Acredito que Deus dá Sua forma de sucesso (bênção parece ser uma melhor palavra) apenas àqueles que são capazes de experimentá-lo sem vaidade.

Digo isso porque acredito que Deus quer nossa obediência e fidelidade, antes do nosso serviço. Ele está mais interessado no que nós estamos nos tornando do que no que nós estamos conquistando para Ele. Em última análise, Deus não está tão preocupado com o sucesso dos nossos empreendimentos, mas em purificar nossos atos (Jó 23:10). Além disso, o sucesso, em termos humanos, tende a ser visto como um ingrediente no processo de santificação. Na melhor das hipóteses, deveríamos ver o sucesso como um bônus que Deus escolhe conceder-nos ou não. Ele não é um direito que deva ser reclamado.

Nosso único foco e paixão deve ser servir a Deus com o melhor de nossas habilidades, sem ficar pensando nas recompensas e benefícios que podem contemplar nossa reputação ou preencher alguma profunda e inconsciente necessidade de auto-afirmação e conquista. Nossa satisfação deve estar em cumprir o Seu querer. Se Ele vai permitir ou não o crescimento, é assunto inteiramente dEle.

Na verdade, nunca poderemos ver todo o verdadeiro sucesso do nosso labor. Se Abraão e toda a hoste de santos da Bíblia não puderam ver cumpridas todas as bênçãos que Deus prometeu, enquanto viveram, quem somos nós para esperar ver todas as evidências de sucesso neste lado do Céu (Heb. 11:13)?

Teologia do êxito

Todos nós necessitamos repensar cuidadosamente nossa “teologia de sucesso”. Isso não é feito durante os anos de seminário. Infelizmente, muitos líderes cristãos não são desafiados a refletir sobre isso durante seu período de preparo. Aliás, a maioria de nós nem mesmo é confrontada com essa falta até que se depare com o primeiro desapontamento, no afã de superar os colegas na corrida para conquistar alguma coisa notável.

O espaço disponível me impede de apresentar mais detalhadamente o esboço de uma teologia de sucesso, mes-

mo que eu tivesse habilidade teológica para fazê-lo. Mas aqui estão alguns poucos e importantes elementos que esse tipo de teologia precisa abranger:

Ela deve ter como seu foco central a fidelidade. “Muito bem, servo bom e fiel...” (Mat. 25:21). Por exemplo, o pastor que se mantém forte e diligente ao trabalhar em um ambiente difícil e obstrutivo está mais próximo da fórmula divina do sucesso em relação a alguém que facilmente consiga grandes multidões.

Uma teologia de sucesso correta deve evitar todas as formas de competição. Embora o mundo dos negócios possa prosperar criando um ambiente competitivo entre as pessoas envolvidas, e você possa também se alegrar disputando uma competição esportiva, Deus nunca abençoa quando somos indulgentes com esse assunto em Seu trabalho. Competição significa que alguém perde. Qualquer promoção que coloque uma igreja contra outra, ou um pastor contra o outro, não tem a aprovação de Deus. Infelizmente algumas estratégias de crescimento de igreja dificultam o avanço do reino, por estarem fundamentadas no princípio de competição entre pastores e entre os membros das congregações.

Assim como você não pode ter uma teologia de saúde sem uma teologia de doença, também é impossível ter uma teologia de sucesso sem uma teologia de fracasso. Deus trabalha tanto com nossas falhas e nossos desapontamentos, como trabalha com nossas conquistas e nosso êxito. Os propósitos de Deus são cumpridos tanto por nossos desapontamentos e fracassos, como pelo êxito que alcançamos. Falhas e decepções promovem mais o crescimento do caráter que o sucesso. Esse é um tópico tão importante que merece um outro artigo.

Para o líder e pastor cristão, a perseguição do sucesso pode ser frustrante. As armadilhas e tentações são muitas e sutis. Nossa cultura coloca tanta ênfase sobre coisas materiais e a necessidade de sucesso pessoal, para definir quem é você, que é fácil pensar no sucesso apenas se ele for traduzido por números, dinheiro, possessões, prestígio e poder. Deveríamos também buscar ter sucesso naquelas qualidades da existência humana que têm maior valor: honestidade, caridade, paciência, espiritualidade e tantas outras coisas que contribuem para a formação de um caráter sólido.

M

PASTOREIE OS CORDEIRINHOS



EVELYN OMAÑA

*Diretora do Ministério da Criança,
na Divisão Interamericana*

Um professor levantou-se diante de seus alunos, tendo alguns objetos espalhados em cima da mesa à sua frente. Sem dizer uma só palavra, ele tomou uma enorme jarra vazia e encheu-a de pedras, cada uma com cerca de duas polegadas de diâmetro. Em seguida perguntou aos estudantes se a jarra estava cheia. Evidentemente, todos responderam sim. O professor então derramou uma caixa de pedrinhas menores na mesma jarra e sacudiu-a levemente. Isso, na verdade, fez com que as pequenas pedras enchessem os espaços abertos entre as pedras maiores. Novamente, ele perguntou aos alunos se a jarra estava cheia. A resposta foi a mesma de antes.

Os estudantes sorriram quando o professor tomou uma caixa de areia e a derramou na jarra. A areia então encheu todos os espaços que ainda restava. “Agora”, disse o professor, “considere esta jarra como a sua vida.” As pedras maiores representam as coisas mais importantes da vida: família, saúde, filhos, qualquer coisa que seja tão importante que sua falta produza um grande sentimento de perda. As pedras

Verifique em que nível você está colocando as crianças na lista de prioridades pastorais

menores representam outras coisas importantes, tais como carreira profissional, casa e posses.

A areia é representação de todas as outras coisas. Se ela fosse derramada na jarra primeiro, não sobraria espaço para as pedras maiores e menores. O mesmo acontece com a vida. Se gastarmos tempo e energia com o que é pequeno e menos significativo, nunca teremos lugar para as coisas que são cruciais. Primeiro, cuidemos das pedras maiores, pois elas são as coisas que realmente importam. É uma questão de priorizar o essencial.

Uma reflexão

Como uma Igreja que enfrenta múltiplas demandas e necessidades, algumas vezes parece-nos difícil tomar tempo para considerar se o nosso ministério da criança está simplesmente funcionando de qualquer jeito, ou se intencionalmente lhe estamos dando uma direção específica que o realça e modela de tal forma que seja uma efetiva ajuda às crianças. Corremos o risco de estar presos na armadilha do mito segundo o qual se avançarmos, realizando alguns ajustes em nossas prioridades, perderemos a aprovação das pessoas ou promoveremos o caos na congregação. Esse tipo de pensamento não é ajudador, à luz da realidade que enfrentamos.

Uma visão da Igreja atual nos permite notar que um número significativo de membros situa-se na faixa entre

os 15 e 35 anos de idade. Esses membros são adolescentes e jovens, ou têm filhos pequenos que freqüentam as classes da Escola Sabatina. Com isso em mente, poderíamos nos perguntar: Em que nível estou colocando as crianças na minha lista de prioridades ministeriais? Estou lhes dando um tratamento “areia-e-pedra”, ou estou valorizando-as através da priorização do meu ministério a elas? Essas crianças representam as pessoas que logo estarão liderando a igreja local ou institucional, ou talvez se tornarão líderes na sociedade.

Questões provocativas

Não faz muito, assisti a uma grande reunião ministerial, na qual uma mulher fez penetrantes e duras questões:

- Por que escolhemos os melhores professores somente para as classes da Escola Sabatina dos adultos?
- Por que damos às crianças só os velhos equipamentos que os adultos não querem mais?
- Por que nomeamos líderes para diferentes ministérios infantis na igreja, sem lhes dar qualquer treinamento?
- Por que muitas igrejas se preocupam em construir salas grandes e confortáveis para os adultos, enquanto as das crianças são pequenas e desconfortáveis?
- Por que, muito freqüentemente, ignoramos as crianças quando escolhemos os participantes do serviço de culto?

Uma análise honesta de tais questões nos leva a concluir que definitivamente poderíamos ajustar nossas prioridades



em favor das crianças. É muito fácil chegar a uma situação na qual, como os discípulos de Jesus, sejamos tentados a, de uma forma ou de outra, afastar dEle as crianças porque nossa mente está pressionada pelas prioridades dos adultos.

Quando o Mestre falou aos Seus discípulos para que não proibissem as crianças de chegarem a Ele, estava falando aos Seus seguidores de todos os tempos, aos oficiais das igrejas, aos pastores, anciãos e todos os cristãos. Cristo está atraindo as crianças, e nos ordena "Deixai vir a Mim", como se dissesse: "Elas virão se vocês não as impedirem."

Ao considerar esse assunto, não queremos dizer que a Igreja simplesmente não está interessada nos seus filhos. Talvez muitos membros não compreendem claramente a importância de ministrar às crianças de acordo com a sua idade. Se queremos conservar os jovens na igreja, devemos prestar atenção neles enquanto ainda são crianças.

Necessitamos identificar as necessidades de cada faixa etária e nos esforçar para criar um ambiente único e apropriado para as crianças. As igrejas que não providenciam tal ambiente atrativo, mobília adequada aos corpos infantis em crescimento, programas equilibrados e bem interessantes, amável aceitação e envolvimento ativo, enviam uma mensagem negativa às suas crianças. Isso poderia contribuir em sua decisão posterior de se afastar emocionalmente e, depois, fisicamente da igreja.

Se realmente queremos ver a geração atual envolvida e identificada com a igreja, necessitamos agir. Necessitamos tomar atitudes que a capacite a olhar a igreja não como o lugar onde devemos ir porque os pais, amigos e outras pessoas esperam isso de nós, mas como o lugar no qual cultuamos o Criador num relacionamento dinâmico e amistoso.

Ação imediata

Se realmente queremos ver nossas igrejas satisfazendo as necessidades das crianças, as seguintes idéias são dignas de séria consideração. Tente implementá-las com entusiasmo e determinação.

Encontre caminhos específicos para tornar o ambiente da igreja atrativo e seguro para as crianças. Dê uma cuidadosa olhada nos recursos disponíveis para elas. Veja se foram arranjados tendo em mente a criança. O ambiente que criamos ajuda a captar a atenção infantil e conduz a criança à realidade que desejamos comunicar.

Faça com que as crianças se sintam bem-vindas. Peça a algumas pessoas, especialmente jovens, que as cumprimentem em algum momento especial do programa de adoração ou quando elas estiverem chegando ao templo.

Inclua atividades planejadas para as crianças no serviço de adoração. Crianças aprendem fazendo. Não podemos esperar que meninos e meninas desfrutem sua igreja, estando sentados e apenas observando o que acontece ao redor. Permita-lhes participar regularmente como leitores, recepcionistas, oradores, acompanhantes, mestres-de-cerimônia, ou em outra forma apropriada.

Disponha os equipamentos e recursos dos banheiros, pensando nas crianças. Abaixo o bebedouro ou coloque um estrado de maneira que ele se torne acessível a elas. Providencie um mobiliário adequado ao tamanho da criança.

Cante hinos que tenham melodias e palavras apropriadas para elas. Convide-as ao altar, durante a oração pastoral. Busque movimento e atividade reverentes, em lugar de exigir austeridade maçante.

Lembre-se de que as crianças são ouvintes do sermão. Assim, capte a atenção delas fazendo-lhes perguntas, contando um quadro, contando uma história ou usando uma ilustração atrativa. Lembre-se do poder das cores, do movimento e do canto. Encoraje as crianças a participar do sermão. Faça-lhes perguntas e agradeça por sua participação.

A missão do Departamento de Ministério da Criança, em nossa Igreja, é ajudar as crianças a desenvolver um relacionamento longo, redentivo, espiritual e amoroso com Deus e Sua Igreja. Nós podemos capacitar as crianças de hoje a sentirem que elas pertencem ao reino de Deus, e que a igreja é sua igreja, um lugar no qual elas amam estar.

Manipulação da vida

Estudioso adventista se posiciona diante do anúncio de bebês clonados

Guilherme Silva e Mark Kellner

Da Redação e da ASN

O anúncio do nascimento do primeiro clone humano foi feito no dia 26 de dezembro do ano passado pela bioquímica francesa Brigitte Boisselier, presidente da Clonaid, uma empresa que surgiu em 1997 patrocinada pelo grupo religioso Raeliano. Outros nascimentos foram anunciados no início do ano. O fato tem despertado polêmica sobre quais são os limites éticos da ciência na busca da longevidade. Considerando também os aspectos positivos da clonagem, usada para fins terapêuticos, profissionais e adventistas em geral, principalmente nos Estados Unidos, estão debatendo sobre qual deve ser a posição da Igreja. O questionamento é se há instâncias da clonagem que são permitidas ou se todo o processo é eticamente condenável.

Gerald Winslow, diretor da Faculdade de Religião e professor de ética na Universidade Loma Linda, acredita que tentar clonar o ser humano atualmente é no mínimo irresponsabilidade e pode ser muito perigoso. “Não sabemos quais são os riscos para um bebê nascido nesse processo”, afirma. As incertezas criam dilemas morais com os quais os cristãos precisam se confrontar, diz Winslow. Para ele é necessário analisar se o clone humano pode sofrer alguma degeneração repentina e se a sociedade irá tratá-lo com dignidade e valor.

Limites éticos

“Deparamo-nos com questões ligadas à própria essência humana”, constata Winslow. A principal questão na mente de muitos cristãos é sobre onde

estão os limites. “Evidentemente, não há como procurar a resposta em um verso da Bíblia”, ele diz. “Então o que precisamos fazer é procurar por princípios bíblicos norteadores, nas entrelinhas.” Ele acrescenta que esse dilema cria uma excelente oportunidade para os cristãos pensarem sobre questões fundamentais ligadas à vida. “Temos a instrução bíblica e o poder do Espírito Santo e precisamos estar atentos.”

Em 1998, uma declaração inicial da Igreja Adventista redigida por Winslow e Anthony Zuccarelli, professor de microbiologia e bioquímica na Escola de Medicina de Loma Linda, já condenava a produção de seres humanos, através da clonagem, como “moralmente inaceitável”. Apesar disso, o uso de material clonado apenas para fins terapêuticos, para prevenir ou reparar danos causados por doenças, foi considerado aceitável (veja no quadro a diferença entre a clonagem humana e a clonagem de fins terapêuticos).

“É uma responsabilidade cristã prevenir o sofrimento e preservar a qualidade da vida humana (Atos 10:38 e Luc. 9:2)”, já afirmava a declaração adventista. “Se é possível prevenir doenças genéticas através do uso de células clonadas, essa tecnologia pode ser utilizada com o objetivo de prevenção contra um sofrimento evitável.”

Motivação mística

O posicionamento dos estudiosos adventistas, que estão inclinados a aceitar a clonagem medicinal, onde o embrião não é inserido no útero, tem respaldo na opinião de grande parte da comunidade científica. Lygia da Veiga Pereira,

geneticista da Universidade de São Paulo, USP, considera válida a experiência de clonar um embrião com fins terapêuticos. “É uma ótima alternativa para evitar a rejeição no transplante, mas que não se justifica para a reprodução”, declara.

Embora os Estados Unidos queiram proibir até mesmo as pesquisas com fins terapêuticos, países como França e Alemanha o aceitam. Porém, a clonagem reprodutiva, pelo menos por enquanto, encontra veemente rejeição. As pesquisas são realizadas de forma independente e contra a vontade das autoridades científicas e governamentais.

A Clonaid, empresa que anunciou o nascimento dos clones, sem comprovação, trabalha sob absoluto sigilo. Contudo, ao passo em que ela se destaca na mídia a partir de um tema científico, tem a finalidade de passar sua mensagem mística, baseada nos ensinamentos do ex-jornalista Claude Vorilhon, que hoje se diz profeta. Ele assegura ter recebido a visita de alienígenas que o instruíram a difundir a clonagem como forma de alcançar a vida eterna.

Apesar de a empresa ter apresentado sua possível “conquista” de forma espalhafatosa e sem credibilidade, o fato ilustra o sonho humano de dominar os segredos da vida. E questões como essa deverão exigir dos cristãos maior dose de reflexão e estudo das orientações divinas. 



Uso reprodutivo uso terapêutico

O processo da clonagem pode ser utilizado para duas finalidades. Fazer a cópia de um ser humano ou extrair "células-tronco" com fim medicinal.

Os cientistas retiram uma célula adulta da pessoa a ser clonada.

O núcleo do óvulo da doadora é retirado. Em seu lugar, os cientistas inserem o núcleo da célula adulta.

O óvulo com o novo núcleo começa a se desenvolver em laboratório, formando um embrião. A partir daí surgem duas possibilidades.

Clone Humano

O embrião é implantado numa mãe de aluguel e se desenvolve normalmente. Ao nascer, seu DNA será

idêntico ao da mãe que doou a célula adulta.

Uso medicinal

Em vez de ser implantado na mãe de aluguel, algumas das células, chamadas células-tronco, são retiradas do embrião. Elas podem se transformar em qualquer tipo de tecido, de neurônios a músculos do coração, e podem ser usadas para transplantes, sem que haja rejeição. 

Fonte: Revista Istoé, 8 de janeiro de 2003

Para pensar

Saia da rotina

Rompa a rotina!

• Não faça de sua vida uma mesma nota

Golpeando em surdina.

Deixe os caminhos trilhados e velhos

• E siga a rota que ninguém tem pisado.

• Faça andar seus pés por novos caminhos,

E abra novos sulcos onde não haja penetrado

• A relha de acero de nenhum arado.

Rompa a rotina!

Que não seja sua vida um rincão de museu;

Sacuda o pó que deixam os séculos,

E siga adiante, caminhe e caminhe

Em uma aventura que nunca termine.

Rompa a rotina!

Sacuda a vida com um ritmo novo

• E deixe que em sua alma, fugaz, peregrina,

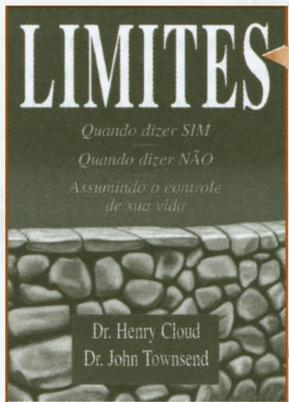
• Floresça o milagre de um raro renovo!

Colaboração do Pastor David Moróz

HUMOR



Viiivaaa!
O pastor hoje pregou
um sermão perfeito!



LIMITES – Dr. Henry Cloud e Dr. John Townsend, Editora Vida, Rua Júlio de Castilhos, 280; CEP 03059-000 São Paulo, SP; telefax (11) 6096-6814; 335 páginas.

Estabelecer limites bem definidos é essencial para uma vida cristã saudável e equilibrada. Limite é uma linha divisória pessoal que determina as coisas pelas quais somos responsáveis. Em outras palavras, os limites definem quem somos ou quem não somos e causam impacto em todas as áreas de nossa vida. Neste livro, os autores oferecem respostas embasadas na Bíblia para muitas questões difíceis, ensinando como estabelecer limites saudáveis com nossos pais, cônjuges, filhos, amigos e até com nós mesmos.

LIDERANÇA CRISTÃ – Ellen G. White, Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34; CEP 18270-970 Tatuí, SP; Tel. 0800-990606, 112 páginas.



A liderança cristã é uma ciência e uma arte. É uma ciência porque existem princípios fundamentais a serem aplicados. É uma arte porque o êxito dependerá em grande medida da capacidade do líder em aplicar tais princípios e do grau de submissão à influência do Espírito Santo. Ellen G. White (1827-1915) foi uma das destacadas líderes religiosas de todos os tempos, e em seus escritos encontramos valiosos conselhos a todos os que exercem alguma forma de liderança.



60 MINUTOS PARA RENOVAR SEU CASAMENTO – Rob Parsons, Editora Betânia, Caixa Postal 5010; CEP 31611-970 Venda Nova, MG; 102 páginas.

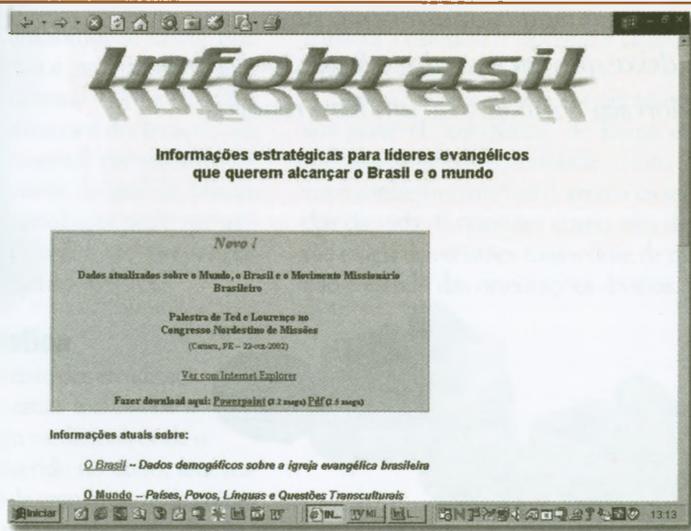
Não importa há quanto tempo você esteja casado, certamente existem alguns aspectos no seu relacionamento conjugal que gostaria de mudar. Mas são tantos os compromissos, afazeres e responsabilidades com que nos deparamos no dia-a-dia, que fica difícil dedicar tempo para aprender a construir uma relação que nos satisfaça plenamente; e ao nosso cônjuge também. 60 Minutos Para Renovar Seu Casamento pode ajudá-lo a investir em sua vida a dois. Com apenas uma hora de leitura, você aprenderá importantes lições que podem ser colocadas em prática imediatamente para melhorar ainda mais seu casamento.

VEJA NA INTERNET

www.infobrasil.org

Mantido pelo Serviço de Evangelização Para a América Latina, Sepal, com visual bem simples, esse site contém links, gráficos, mapas e transparências, dentro do escopo: informações estratégicas para líderes evangélicos que querem alcançar o Brasil e o mundo.

A parte referente a dados demográficos é excelente e bem detalhada, e também as informações sobre as missões transculturais, povos não-alcançados e situação da evangelização das tribos no Brasil. Minha recomendação é que você coloque esse endereço nos seus favoritos, pois seguramente terá ocasião de utilizar as estatísticas. – Márcio Dias Guarda, editor de *Mídia Digital da Casa Publicadora Brasileira*.





JONAS ARRAIS

Secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana

Segundo uma pesquisa, somente 12% dos trabalhadores são apreciados e bem recebidos por seus empregadores. Isso significa que 88% não o são. Em março de 2000, outra pesquisa revelou que 42% dos trabalhadores tinham, pelo menos uma vez, mudado de trabalho porque não haviam apreciado a maneira como seus superiores os tratavam. Sem dúvida, essas pesquisas traduzem um estilo doentio de liderança. O estranho é que, consciente ou inconscientemente, muitas vezes, pastores e líderes espirituais, fascinados pelo poder, exercem o mesmo tipo de liderança, procurando deixar bem claro “quem é o chefe” ou “quem manda aqui”. Esquecem-se de que, na Igreja, não existe uma hierarquia de posições, mas sim de funções. Alguém tem de ser o presidente, o departamental, o pastor, ancião, diácono, ou exercer alguma outra atividade. Mas todos somos iguais. Deus não tem favoritismo.

Há, no livro de Lucas, um relato que ilustra a tentação que sofrem os que exercem liderança. Nessa narrativa, encontramos uma pequena luta pelo poder ocorrendo entre os discípulos de Jesus. Eles estavam discutindo sobre qual deles seria o maior no reino. Conhecendo o que estava acontecendo, Jesus compartilhou algumas lições sobre o que significa ser um “grande chefe” ou um “grande líder”.

“Suscitaram também entre si uma discussão sobre qual deles parecia ser o maior. Mas Jesus lhes disse: Os reis dos povos dominam sobre eles, e os que exercem autoridade são chamados benfeitores. Mas vós não sois assim; pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve. Pois qual é maior: quem está à mesa

O chefe e o líder

ou quem serve? Porventura, não é quem está à mesa? Pois, no meio de vós, Eu sou como quem serve” (Luc. 22:24-27).

Aqui está um princípio no qual devemos refletir. No ministério pastoral ou nos negócios, aqueles que estão na direção de alguma coisa deveriam remodelar seu estilo de liderança. Em lugar do perfil de um “chefe”, deveriam desenvolver a característica de um instrutor e treinador. Assim, deixariam de ser controladores de outros, para serem capacitadores e servidores de pessoas. Líderes, no passado, eram conhecidos como diretores, administradores, supervisores, chefes e controladores de subordinados. Na visão moderna e bíblica, um líder é identificado como sendo um instrutor, treinador, motivador, facilitador e professor. Somente assim estaremos verdadeiramente equipando as pessoas com o que é essencial, para que elas ofereçam o melhor no serviço de Deus.

Alguns podem não reconhecer a diferença de valores entre a mentalidade secular de ser chefe e a

mentalidade bíblica de ser líder. Veja algumas dessas diferenças relacionadas no quadro abaixo.

Antes de criarmos uma nova cultura de liderança ministerial que traga mudanças qualitativas e quantitativas, na igreja e na vida de outros, precisamos primeiro reconhecer a nossa necessidade de ser aquilo que Deus sempre desejou, quando nos chamou para o ministério.

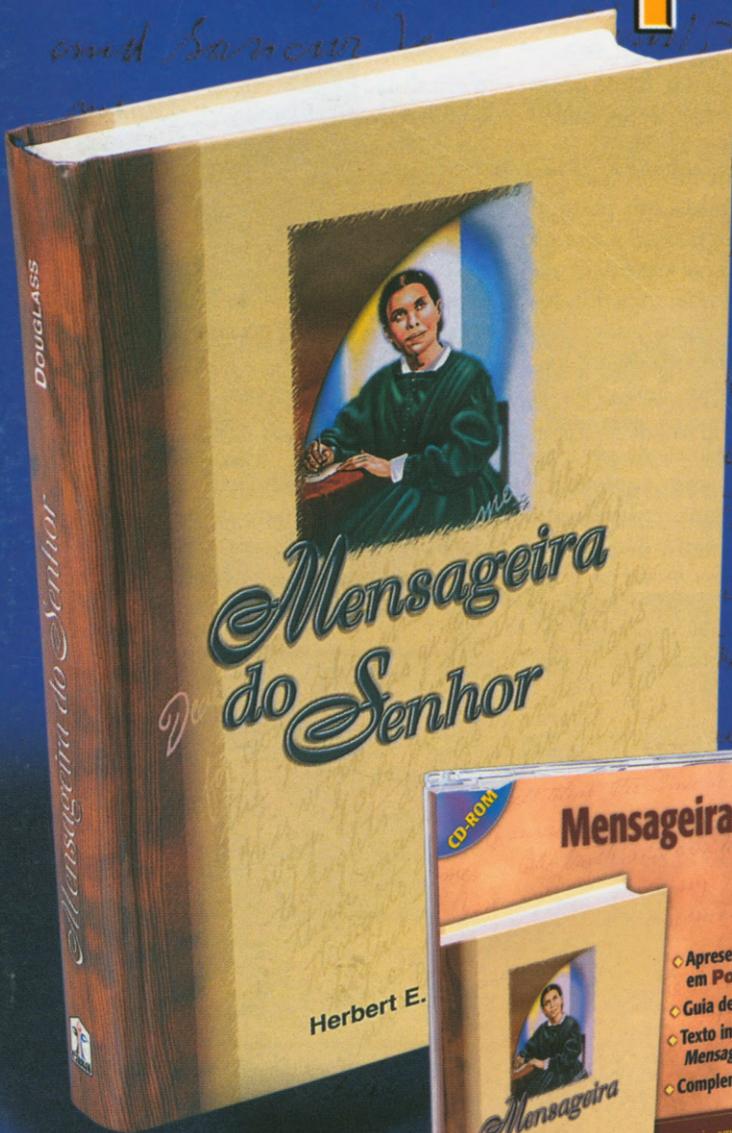
“Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho” (1 Ped. 5:2 e 3).



William de Moraes

- O chefe cria temorO líder cria confiança (1 Tess. 2:10 e 11)
- O chefe serve a si mesmo.....O líder serve a outros (1 Cor. 9:19)
- O chefe procura o sucesso pessoal.....O líder leva outros ao êxito (1 Tim. 4:6)
- O chefe diz “Eu”O líder diz “Nós” (1 Cor. 3:5-9)
- O chefe censura o erro.....O líder repara os erros (Filip. 18 e 19)
- O chefe sabe como fazerO líder mostra como fazer (Êxo. 18:17)
- O chefe dirigeO líder conduz (João 10:11-15)
- O chefe exerce autoridadeO líder capacita pessoas (II Tim. 2:2)
- O chefe realça o poderO líder realça o poder da autoridadedo serviço (Mat. 20:25-28)

O Ministério Profético de Ellen White



Livro – Cód. 5423



CD-ROM – Cód. 7673

Mensagem do Senhor – Livro

Uma obra completa sobre o ministério profético de Ellen White, onde você vai descobrir como o dom de profecia atuou em sua vida. Você também irá encontrar respostas para perguntas como:

- Ellen White passou nos testes bíblicos de profeta?
- Qual a relação entre seus escritos e a Bíblia?
- Como devemos interpretar, em nossos dias, o que ela escreveu?

Mensagem do Senhor – CD-ROM

Guia de estudos sobre a vida e a obra de Ellen G. White.

Para fazer seu pedido, ligue **0800-990606***, acesse **www.cpb.com.br**, ou entre em contato com o SELS da sua Associação.



CASA PUBLICADORA
BRASILEIRA

* Sua chamada pelo 0800 é gratuita. Só recebemos ligações de telefones convencionais.